

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA REABILITAÇÃO

JONAS FERNANDES CARVALHO

**DESEMPENHO E FATORES AMBIENTAIS OBSERVADOS EM
UM ESTUDO TRANSVERSAL DE RECRUTAMENTO DE JOVENS
PARATLETAS**

Brasília
2019

JONAS FERNANDES CARVALHO

**DESEMPENHO E FATORES AMBIENTAIS OBSERVADOS EM UM ESTUDO
TRANSVERSAL DE RECRUTAMENTO DE JOVENS PARATLETAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre concedido pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade de Brasília- UnB.

Linha de Pesquisa - Tecnologia Assistiva associada ao processo de reabilitação.

Tema - Indicação e implementação de tecnologia assistiva ao indivíduo com deficiência física.

Orientadora - Dr.^a Prof.^a. Ana Cristina de Jesus Alves.

Brasília

2019

JONAS FERNANDES CARVALHO

INVESTIGAÇÃO SOBRE FATORES AMBIENTAIS E PARTICIPAÇÃO DE
ADOLESCENTES PARATLETAS.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade de Brasília.

Orientadora - Dr.^a Prof.^a. Ana Cristina de Jesus Alves.

Aprovado em 10 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a. Prof.^a. Ana Cristina de Jesus Alves.

Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade de
Brasília
Orientadora

Dr.^a. Prof.^a. Ana Cristina de David.

Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação da Universidade de
Brasília
Examinadora Interna

Dr.^a. Prof.^a. Vera Regina Fernandes da Silva

Docente do Programa de Pós-graduação em Engenharia Biomédica da Universidade de
Brasília
Examinadora Externa

RESUMO

Introdução – O paraesporte busca a inclusão de pessoas com deficiência a partir de modificações nas regras, métodos e materiais. Para adolescentes com deficiência o paraesporte é uma importante forma de participação social e, além disso, a possibilidade de uma profissão e vários aspectos podem determinar a forma e o nível de participação desses indivíduos, inclusive, os fatores ambientais. Como referência foram utilizados os fatores ambientais descritos pela Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) **Objetivos:** Buscar evidências científicas na literatura sobre os principais fatores ambientais relacionados ao paraesporte juvenil e investigar e analisar os fatores ambientais de adolescentes com deficiência e a participação no paraesporte; **Método** – 16 adolescentes praticantes de paraesporte foram entrevistados a partir da busca por evidências, estudo descritivo e correlação entre variáveis. As variáveis estudadas foram os fatores ambientais descritos na CIF e a participação no esporte. Os principais instrumentos utilizados foram questionário do usuário, ATDPA, Quest 2.0 e Abep. **Resultados:** Percebe-se que a quantidade de apoio e relacionamento recebidos é inversamente proporcional a participação esportiva. O ambiente apresenta forte correlação com a participação esportiva, funcionando como facilitador quando se há um ambiente acessível. O uso de Tecnologia assistiva (TA) tem forte correlação com o esporte, porém ainda há pouca disponibilidade de materiais, falta de conhecimento e uso inadequado no meio esportivo. Há poucas políticas públicas voltadas para o esporte e poucos adolescentes utilizam destas, apesar disso há forte correlação entre políticas e participação no esporte. Ainda há pouca correlação entre atitudes e participação esportiva, porém atitudes de autoconfiança e desejo de participar funcionam como facilitador.

Palavras chave: Adolescente, pessoa com deficiência, estruturas de acesso, esporte, equipamentos de autoajuda.

ABSTRACT

Introduction – Paraspport seeks to include people with disabilities from changes in rules, methods and materials. For young people with disabilities paraspporting is an important form of social participation and, in addition, the possibility of a profession and various aspects can determine the form and level of participation of these individuals, including environmental factors. As reference, the environmental factors described by the International Classification of Functioning (ICF) were used. **Objectives:** To search the literature for scientific evidence on the main environmental factors related to juvenile sports and to investigate and analyze the environmental factors of adolescents with disabilities and participation in sports; **Method** - 16 adolescents who practiced paraspports were interviewed based on the search for evidence, a descriptive study and correlation between variables. The variables studied were the environmental factors described in the ICF and participation in sports. The main instruments used were user questionnaire, ATDPA, Quest 2.0 and Abep. **Results:** It is noticed that the amount of support and relationship received is inversely proportional to sports participation. The environment is strongly correlated with sports participation, functioning as a facilitator when there is an accessible environment. The use of assistive technology (AT) has a strong correlation with sports, but there is still little availability of materials, lack of knowledge and inappropriate use in sports. There are few public policies focused on sports and few adolescents use them, although there is a strong correlation between policies and participation in sports. There is still little correlation between attitudes and sports participation, but self-confidence and desire to participate act as a facilitator.

Keywords: adolescent, disability person, architectural acessibility, sport, self-help devices.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois me possibilitou a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos, crescendo como pessoa e como profissional. Agradeço a minha família que sempre me apoiou e incentivou a realizar meus sonhos e projetos. Agradeço aos meus amigos que compartilharam comigo este sonho, e não me deixaram desanimar. E agradeço a minha orientadora pela disponibilidade, dedicação e atenção.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Média dos Fatores Ambientais, Brasília, 2019.....	52
Tabela 2– Perfil dos participantes considerando sexo, tipo de deficiência, modalidade esportiva e município, Brasília, 2019.....	53
Tabela 3 – Teste de correlação de Spearman – Participação e Apoio e Relacionamento, Brasília, 2019.	54
Tabela 4– Teste de correlação de Spearman - Participação e ambiente, Brasília, 2019.....	56
Tabela 5 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Tecnologia assistiva, Brasília, 2019.	57
Tabela 6 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Políticas públicas, Brasília, 2019.	57
Tabela 7 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Atitudes, Brasília, 2019.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação social de acordo com Critério de Classificação Econômica Brasil, Brasília, 2019.....	47
Quadro 2 - Teste de normalidade, Brasília, 2019.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Acompanhamento nos treinos integralmente por pais e responsáveis, Brasília, 2019.	54
Gráfico 2- Principais meios de transporte utilizados, Brasília, 2019.	55
Gráfico 3 - Principais tecnologias assistivas utilizadas pelos participantes, Brasília, 2019.	56

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ATDPA	Avaliação de predisposição ao uso de Tecnologia Assistiva
CETEFÉ	Centro de Treinamento de Educação Física Especial
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade
COFFITO	Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
ECA	Estatuto da criança e do adolescente
MeSH	Medical Subject Headings
PBE	Prática Baseada em Evidência
QUEST 2.0	Quebec User Evaluation of Satisfaction with Assistive Technology
TA	Tecnologia Assistiva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS E HIPÓTESE	18
2.1 Hipótese	18
2.2 Objetivo geral	18
2.3 Objetivos específicos	18
3. METODOLOGIA	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1 Estudo 1 - Investigação sobre os fatores ambientais envolvidos no contexto dos adolescentes com deficiência no paradesporto: uma revisão integrativa.....	20
4.2 Estudo 2 – Estudo Piloto	33
4.3 Estudo 3 - Correlação dos fatores pessoais, políticas públicas, ambiente e tecnologia assistiva na participação de adolescentes com deficiência que praticam esportes de competição. 46	
Local	46
Participantes	46
Instrumentos	46
Procedimento de coleta de dados.....	49
Análise dos dados	50
5. CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A – Questionário do usuário	66
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	68
APÊNDICE C - Termo de assentimento do menor	69
ANEXO A – Critério de classificação econômica do Brasil.....	72
ANEXO B – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD PA – formulário do cliente	73

SUMÁRIO

ANEXO C – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD
PA - formulário do profissional..... 75

ANEXO D – Avaliação da satisfação do usuário com a Tecnologia Assistida de Quebec
B-Quest (2.0)..... 77

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte 83

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), entende-se como adolescentes indivíduos de 12 a 18 anos. Esses indivíduos têm o direito de gozar dos direitos fundamentais da pessoa humana e lhes é assegurado todas as oportunidades e facilidades de modo a garantir o desenvolvimento físico, mental e moral. Nesse sentido, é dever do poder público ainda, a estimulação e a destinação de recursos para atividades esportivas de lazer voltadas para a juventude (BRASIL, 1990).

Considerando-se as políticas públicas, segundo a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência é dever do poder público promover a acessibilidade e a participação da pessoa com deficiência em jogos, recreação e esporte, incentivando o treino e uso de recursos adequados em igualdade as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Já em um contexto de saúde, para o adolescente com deficiência é assegurado ainda o cuidado especializado de modo a garantir prevenção, promoção e recuperação da saúde (BRASIL, 2015).

A Classificação internacional de funcionalidade (CIF) define deficiência como um conjunto de dificuldades relacionadas as funções e estruturas do corpo, englobando tanto perdas parciais quanto totais. No entanto, segundo a mesma, saúde é definida como o equilíbrio entre o organismo e ambiente. Para pessoas com deficiência o contexto influencia a funcionalidade do cotidiano, dessa forma, a CIF define contexto como o estado em que o corpo do indivíduo desempenha suas atividades e participações. Dentre os fatores incluídos no contexto destacam-se a participação e os fatores ambientais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2008).

A participação consiste no envolvimento do indivíduo em situações de vida. Os fatores ambientais simbolizam o ambiente físico, social, as atitudes e formas nas quais as pessoas vivem e conduzem suas vidas. Esses fatores podem ser avaliados como barreiras ou facilitadores de modo a influenciar no contexto de vida das pessoas. Essa avaliação especifica o grau da facilidade ou dificuldade enfrentada. Estes fatores estão divididos e descritos em cinco diferentes grupos, são eles: 1) produtos e tecnologia; 2) ambiente natural e mudanças ambientais feitas pelo homem; 3) apoio e relacionamentos; 4) atitudes e; 5) serviços, sistemas e políticas (BATTISTELLA; BRITO, 2002).

No que diz respeito ao grupo *produtos e tecnologia*, este consiste em qualquer produto, tecnologia ou equipamento no ambiente adaptado ou confeccionado especificamente para melhorar a funcionalidade do indivíduo com incapacidade. Já o grupo denominado *ambiente*

natural e mudanças ambientais feitas pelo homem abordam os elementos do ambiente, componentes modificados pelas pessoas e características dos indivíduos do ambiente. O terceiro grupo, *apoio e relacionamentos*, trata-se da quantidade de apoio físico e emocional recebidos e proporcionado ao indivíduo por pessoas e animais.

O quarto, *atitudes*, refere-se às atitudes que influenciam o comportamento individual, que são categorizadas de acordo com os relacionamentos. E por fim, *os serviços, sistemas e políticas*, sendo: os serviços, programas, benefícios e operações oferecidos em vários setores da sociedade; os sistemas, as formas de controle administrativo estabelecidos por autoridades e; as políticas, correspondentes às regras, regulamentos e convenções instituídas por autoridades que regulam sistemas e controlam serviços (BATTISTELLA; BRITO, 2002).

Para avaliar o contexto de adolescentes é necessária uma atenção especial, visto que as condições de saúde e incapacidades não são as mesmas dos adultos pela natureza variável do desenvolvimento. Dessa forma, é necessário adequar o contexto desses indivíduos de acordo com as vivências e individualidade de cada faixa etária (NUBILA; BUCHALLA, 2008).

Considerando-se que a CIF identifica que saúde e a participação dependem da interação entre diversos aspectos, incluindo os fatores ambientais, pode-se pensar que as práticas do esporte adaptado podem sofrer influências desses fatores e/ou influenciar a participação de pessoas com deficiência. Para os indivíduos com deficiência o esporte adaptado pode ser uma importante forma de participação social, além de ser determinante para a reabilitação física, social e psicológica. Para isso, o esporte adaptado busca a inclusão de pessoas com deficiência a partir de modificações nas regras, métodos e materiais (CARDOSO, 2011).

Historicamente a prática de esporte adaptado se iniciou nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial pela grande quantidade de soldados com lesões medulares e amputações. Neurologistas iniciaram testes com diversos esportes como tiro com arco, sinuca, natação, polo, basquete e tênis de mesa. A primeira competição com o uso de cadeira de rodas foi de basquete e, a partir daí, surgiram competições nacionais e internacionais, além disso, nos anos seguintes foram iniciadas competições com outros esportes. O esporte adaptado no Brasil se iniciou nos anos 50, porém, a primeira vez que o Brasil competiu internacionalmente foi em 1969, onde participou dos jogos pan-americanos em Buenos Aires e ali conquistou a medalha de bronze com a seleção de basquete em cadeira de rodas (TSUTSUMI et al., 2004).

Em relação aos adolescentes, o esporte pode possibilitar a sociabilidade por meio do contato com pessoas com as mesmas dificuldades superando juntas as barreiras, além de trazer

valores como alegria e vivacidade como base de apoio diferencial para o crescimento e desenvolvimentos dos adolescentes (SANTOS; MOREIRA; GOMES, 2016).

Brazuna e Castro (2001), realizaram uma revisão da literatura com os descritores Esporte adaptado, carreira, aposentadoria, portadores de deficiência física, com o objetivo de entender as exigências, impacto e os benefícios do esporte de alto rendimento no cotidiano da pessoa com deficiência desde sua iniciação até a aposentadoria. Segundo as autoras, pouco se sabe sobre o modo como os adolescentes com deficiência ingressam no mundo do esporte, mas entende-se que, na maioria dos casos, o apoio familiar determina uma aceitação positiva ao esporte, para que assim elas possam se sentir motivadas e confiantes para iniciar e dar continuidade a prática. Esse apoio é de extrema importância para que essas crianças se tornem adultos preparados para os desafios da vida adulta.

Considerando-se o jovem com deficiência e seu contexto, um estudo realizado com 19 professores de escolas especiais e 18 alunos com deficiência buscou verificar se atividades e jogos adaptados contribuem para aquisição de habilidades. O estudo consistiu em um projeto de intervenção com a aplicação de 17 atividades e jogos adaptados de acordo com as habilidades e dificuldades dos alunos. Os autores identificaram que, a escola, pode ser um local adequado para se desenvolver atividades e a intervenção permitiu a participação de indivíduos com deficiência em jogos e possibilitou assim a exploração e estimulação de habilidades. Essa participação permitiu os primeiros sentimentos de competitividade e pode ser a porta para entrada no mundo do paraesporte (BRACCIALI; MANZINI; REGANHAN, 2004).

Outro estudo, sobre campeonatos escolares e deficiência visual, que tinha como objetivo entender os desafios da prática do esporte enfrentados pelos professores, analisou os discursos de 9 professores de educação física das escolas inclusivas estaduais de São Paulo. Os autores puderam perceber que a inserção do esporte para pessoas com deficiência ainda é um desafio e necessita de estudos mais aprofundados. Segundo os autores, a inserção das crianças e adolescentes com deficiência no esporte e nos jogos escolares já é uma realidade no contexto da educação física, entretanto, ainda existem diversas barreiras para a participação com qualidade como a capacitação dos professores e melhora na técnica pedagógica de ensino (SILVA; DUARTE; ALMEIDA, 2011).

De acordo Jaarsma et al (2014), em uma revisão sistemática de literatura com as palavras chave: *Barriers, disability ou health, facilitators e sports*, foram selecionados 52 artigos com foco em barreiras, facilitadores e a participação esportiva de pessoas com deficiência. O estudo mostrou que o esporte no contexto de pessoas com deficiência deve levar em consideração o

tipo de deficiência, a idade e as características pessoais, visto que isso pode influenciar a identificação de barreiras e facilitadores. Como barreiras ambientais foram consideradas os componentes de saúde, a falta de acessibilidade, transporte e instalações adequadas. No que diz respeito aos facilitadores pessoais foram relatados a diversão, lazer e a melhora da saúde, já como facilitadores ambientais, a interação social.

Em um estudo realizado por Lankhorst et al (2015), a fim de caracterizar o paraesporte para adolescentes com idades entre 10 e 19 anos com deficiência física ou doença crônica nas escolas, as pesquisadoras fizeram a comparação entre dois grupos: os que praticavam esporte e os que não praticavam. Os principais aspectos observados foram cognição, saúde física, aspectos psicossociais e desempenho escolar.

Os resultados identificaram que há uma baixa adesão da população com deficiência ao esporte e isso se dá às diversas barreiras que pessoas com deficiência enfrentam desde a vida escolar, onde pouco se estimula essa atividade. Porém, o estudo mostrou que fatores pessoais e ambientais têm desempenhado um papel fundamental para a maior participação de crianças e adolescentes (LANKHORST et al, 2015).

Ainda, um estudo de revisão da literatura realizado em 2016, buscou identificar a participação de adolescentes com deficiência em atividades de lazer e a qualidade de vida. O estudo foi realizado com adolescentes entre 10 e 19 anos entre os anos de 2008 a 2016 com as palavras chaves: *child OR adolescent AND social participation*. O periódico da pesquisa foi o *Disability and Health Journal*. Foram encontrados 142 artigos inicialmente sendo apenas 19 usados no corpo do artigo. Segundo os autores, o lazer e qualidade de vida, relacionados ao esporte, são vistos de forma positiva sendo uma ação que traz a possibilidade de resgatar as potencialidades e desenvolvimento de capacidades remanescentes. Isso acontece, pois, a prática de esporte para essa população permite um autoconhecimento das possibilidades e limitações, sentimento de pertencimento e construção de identidade, dessa forma, acredita-se em um crescimento de forma mais saudável e independente (SANTOS; MOREIRA; GOMES, 2016).

Em relação às crianças e adolescentes com deficiência e práticas de esporte, Sabato, Walch e Caine (2016) realizaram um estudo de revisão da literatura com as palavras chave: *elite, youg athlete, athletic injury, psychological, risk factors, injury prevencion* com o objetivo de identificar o risco de lesão física e psicológica associado à participação em esportes juvenis de elite. Os autores mostraram que a população que pratica esportes vem crescendo, principalmente em relação à adesão das meninas. Dessa forma, é comum crianças e adolescentes treinando intensamente cerca de 10 a 20 horas por dia. Embora os autores

considerem o esporte como positivo na vida dos adolescentes, apontaram também diversos riscos físicos e psicológicos como: lesões físicas graves, pressão enfrentada e a decepção (SABATO; WALTCH; CAINE, 2016).

Como visto, a literatura já discute a prática de esporte adaptado e o bem-estar dos indivíduos com deficiência. Porém, a pessoa com deficiência tem menos contato com atividades físicas e esportes durante a vida, esse fato resulta na diminuição da eficiência dos movimentos, amplitude, condicionamento e desenvolvimento de habilidades (TSUTSUMI et al, 2004).

Dessa forma, esse trabalho busca contribuir para a realidade nacional e servir como base para estudos posteriores para profissionais que se interessem pela área da reabilitação e o uso de tecnologia assistiva (TA) no esporte.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESE

2.1 Hipótese

- Os fatores ambientais têm correlação com a participação no paraesporte juvenil e atuam como barreira.

2.2 Objetivo geral

- Investigar e correlacionar os fatores ambientais descritos pela CIF de adolescentes e a participação de adolescentes com deficiência que praticam o paraesporte.

2.3 Objetivos específicos

- Buscar evidências científicas na literatura sobre os fatores ambientais no paraesporte juvenil.
- Realizar o estudo piloto de caracterização com o intuito de entender a dinâmica da prática esportiva e modalidades e testar os questionários e avaliações padronizadas;
- Caracterizar segundo a CIF os fatores ambientais como:
 - Fatores pessoais como: perfil socioeconômico, tipo de deficiência, idade e outros;
 - Caracterizar as atitudes e apoios dos paratletas adolescentes segundo a CIF;
 - Identificar as mudanças feitas pelo homem como: modificações existentes e necessárias e acessibilidade e correlacionar com participação;
 - Identificar as principais TA utilizadas pelos adolescentes paratletas e serviços prestados na área e sua satisfação;
- Correlacionar cada fator ambiental da CIF com a participação dos adolescentes com deficiência no paraesporte
- Identificar as principais barreiras e facilitadores dos fatores ambientais à prática do paraesporte juvenil.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa envolve três tipos de estudo: uma revisão integrativa de literatura, um estudo descritivo e um estudo transversal analítico descritivo-exploratório. O primeiro estudo a ser apresentado nesta pesquisa será a revisão sistemática da literatura (Estudo 1), seguido pelo estudo descritivo (Estudo 2) e o transversal descritivo analítico (Estudo 3).

Os dois primeiros estudos serão apresentados em formato de artigo com suas respectivas seções e delimitações metodológicas no tópico seguinte, intitulado Resultados e Discussão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foi abordado anteriormente neste trabalho, esta seção será apresentada, para fins didáticos, em três subseções referentes, respectivamente: ao Estudo 1, que trata-se de uma revisão sistemática da literatura sobre a temática; Estudo 2, um estudo descritivo e; o Estudo 3, que refere-se a um estudo transversal descritivo analítico.

Os dois primeiros serão apresentados em formato de artigo científico, contudo, o Estudo 1, em decorrência da escolha da revista ainda estar em análise pelo autor, obedecerá o formato da normas gerais da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para produção acadêmica. Já o Estudo 2, segue as normas e layout indicados pela revista *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, com *Qualis A4* (ANEXO F) . Por fim, o Estudo 3 segue o formato dissertativo padrão deste documento.

4.1 Estudo 1 - Investigação sobre os fatores ambientais envolvidos no contexto dos adolescentes com deficiência no paradesporto: uma revisão integrativa.

MÉTODO

A revisão integrativa é um método bastante utilizado na Prática Baseada em Evidência (PBE) sendo método escolhido para o presente estudo. Esse método busca determinar o conhecimento atual sobre determinada temática a partir de uma análise ampla da literatura, contribuindo para a qualidade de estudos futuros da área abordada (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Dessa forma, o objetivo do estudo foi buscar evidências científicas sobre as principais barreiras e facilitadores encontrados na prática esportiva de adolescentes com deficiência.

Para contemplar as etapas da revisão integrativa foram seguidas as seguintes etapas: identificação do tema, elaboração da questão norteadora, identificação dos critérios de inclusão e exclusão, busca nas bases de dados, fichamento e avaliação crítica dos artigos, apresentação dos resultados e síntese do conhecimento. A questão norteadora do estudo foi: *Quais são os fatores ambientais relacionados ao paraesporte juvenil e as principais barreiras e facilitadores que influenciam no contexto esportivo de adolescentes com deficiência?*

O estudo foi realizado nas bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SciELO Brasil), National Library of Medicine National Institutes of Health dos EUA (PUBMED) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram incluídos os estudos que abordaram as barreiras e os facilitadores na participação de adolescentes com deficiência no esporte, nos anos de 2000 a 2019, em línguas portuguesa e inglesa, como artigos completos de periódicos, dissertações, teses e monografias. Foram excluídos artigos que fugiram ao tema principal, de forma que não agregavam todos os descritores da busca.

Para a pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os seguintes descritores, palavras-chave, em inglês e português, presentes no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e MeSH (Medical Subject Headings): sports (esportes), Adolescents (adolescentes) e disability person (pessoa com deficiência). Utilizaram-se também termos livres, palavras-chave não encontradas no DeCS/MeSH, mas de importância para a busca dos artigos, Barriers (barreiras) e facilitators (facilitadores). Os descritores foram utilizados agrupados, de dois em dois, para obter o maior número de resultados, conforme tabela 1.

Foi criado um instrumento norteador para categorizar e analisar a coleta de informações, de acordo com o título, resumo, ano de publicação, autores, tipo de estudo e contribuições.

Tabela 1 - Combinação de descritores utilizados na pesquisa, Brasília, 2019.

Descritores combinados utilizados segundo o operador booleano 'AND'	Adolescente AND esporte AND pessoa com deficiência;
	Esporte AND pessoa com deficiência AND barreiras;
	Esporte AND pessoa com deficiência AND facilitadores/
	Adolescent AND sport AND disability person;
	Sport AND disability person AND barriers;
	Sport AND disability person AND facilitators;

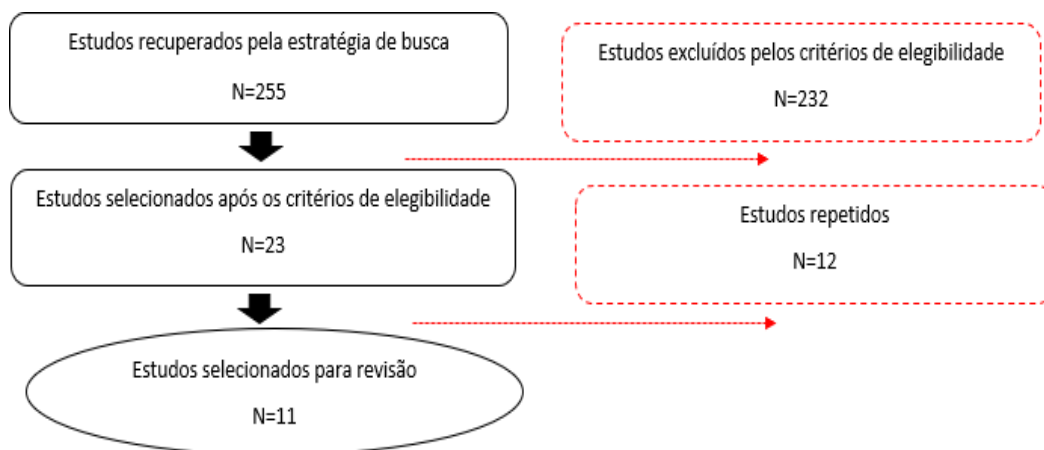
Fonte: Desenvolvida pelo autor.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa considerando todos os artigos que citaram os fatores pessoais e ambientais segundo a CIF.

RESULTADOS

Foram inicialmente encontrados 255 artigos com a temática proposta, dentre estes foram excluídos 223 de acordo com os critérios de exclusão estabelecidos. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, restaram 23 estudos, sendo 13 repetidos nas bases de dados. Portanto, 11 estudos foram selecionados e são apresentados em sua forma global, na figura 1, e na tabela 2 os estudos podem ser visualizados separadamente, categorizados pelo título, autor, e ano de publicação.

Figura 1 - Fluxograma do número de estudos encontrados e selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, Brasília, 2019.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Tabela 2 - Estudos encontrados e selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, Brasília, 2019.
Fonte: Desenvolvida pelo autor.

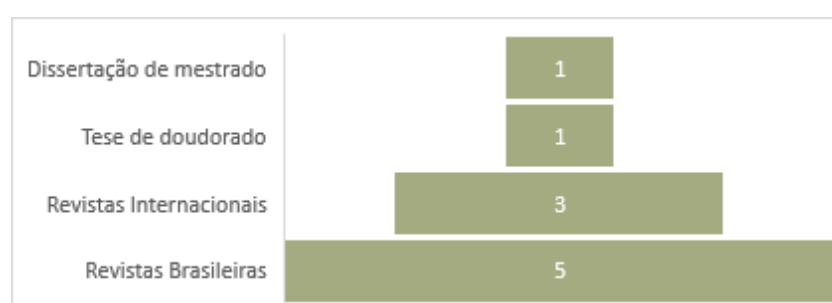
Nº	Desenho metodológico	Amostra pesquisada	Faixa etária	Objetivos	Resultados obtidos
1	Revisão da literatura	Publicações científicas	Não se aplica	Análise das exigências, benefícios e impacto do esporte de alto rendimento na vida do atleta portador de deficiência desde a iniciação até a aposentadoria.	No Brasil o esporte adaptado ainda está se iniciando.
2	Estudo Observacional	2 professores e 18 alunos com deficiência física	Não se aplica	Verificar a contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptadas para o desenvolvimento de alunos com deficiência física.	Adaptações eficazes de gincanas e atividades recreativas.
3	Estudo de caso	6 alunos da APAE-PR	8 - 20 anos	Possibilitar a participação de alunos com paralisia cerebral nas atividades de educação física.	Adaptação dos alunos a proposta de polybat.
4	Revisão da literatura	Análise de políticas públicas	Não se aplica	Analisar a pertinência e o alcance da bioética da proteção para legitimar políticas protetoras nas práticas da saúde pública envolvendo pessoas com deficiências	O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidade das práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção.
5	Caso-controle	Crianças e adolescentes	10 - 16 anos	Comparar a participação de crianças com e sem deficiência em atividades de lazer.	Crianças com deficiência tem menos oportunidade e necessitam de adaptações para maior participação em atividades de lazer.

No que se refere ao desenho metodológico, 27% dos artigos eram revisões da literatura, sendo apenas uma sistemática, 18% pesquisas qualitativas, 18% estudos transversais, 9%

6	Revisão da literatura	Publicações no período 2000 a 2013.	Não se aplica	Resumir os fatores importantes associados à participação em atividades físicas em crianças e adolescentes com deficiência física.	O estudo mostrou uma gama diversificada de fatores positivos e negativos estava associada à participação em atividades físicas.
7	Pesquisa Qualitativa	Análise de políticas Públicas	Não se aplica	Identificar políticas públicas voltadas para o esporte para pessoas com deficiência.	Não existem políticas específicas para pessoas com deficiência.
8	Estudo transversal	Crianças e adolescentes	10 - 19 anos	Determinar os efeitos negativos e positivos do esporte em crianças e adolescentes com doença crônica ou deficiência física.	Orientações aos profissionais da saúde para a inclusão de pessoas com deficiência na prática de atividade física.
9	Estudo transversal	11 escolas municipais	Não se aplica	Descrever a acessibilidade das escolas do município.	A maioria das escolas apresentou problemas em todos os itens avaliados como: ginásio de esporte e piscina.
10	Estudo prospectivo	47 crianças e adolescentes com Paralisia Cerebral.	10 - 19 anos	Descrever o efeito do esporte adaptado (EA) na QV e o perfil biopsicossocial de crianças/adolescentes com paralisia cerebral (PC).	A prática esportiva pode melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes com deficiência.
11	Pesquisa qualitativa	10 adolescentes com paralisia cerebral	12 - 14 anos	Compreender fatores que influenciam a participação de adolescentes com paralisia cerebral (PC) na Educação Física Escolar.	Os fatores ambientais e pessoais funcionam como barreiras e como facilitadores nesse contexto.

estudos prospectivos, 9% caso controle, 9% estudos observacionais. Considerando o tipo de publicação em cada estudo, encontramos nove artigos, sendo todos publicados em revistas científicas, uma tese e uma dissertação (gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por tipo de publicação, Brasília, 2019.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Pode-se observar que, dentre os artigos selecionados, três artigos (28%) que envolvem adolescentes com deficiência que praticam atividades físicas, foram realizados com pessoas acometidas pela paralisia cerebral em escolas especiais. Dentre os locais onde foram realizadas as pesquisas seis artigos (65%) foram realizados no ambiente escolar.

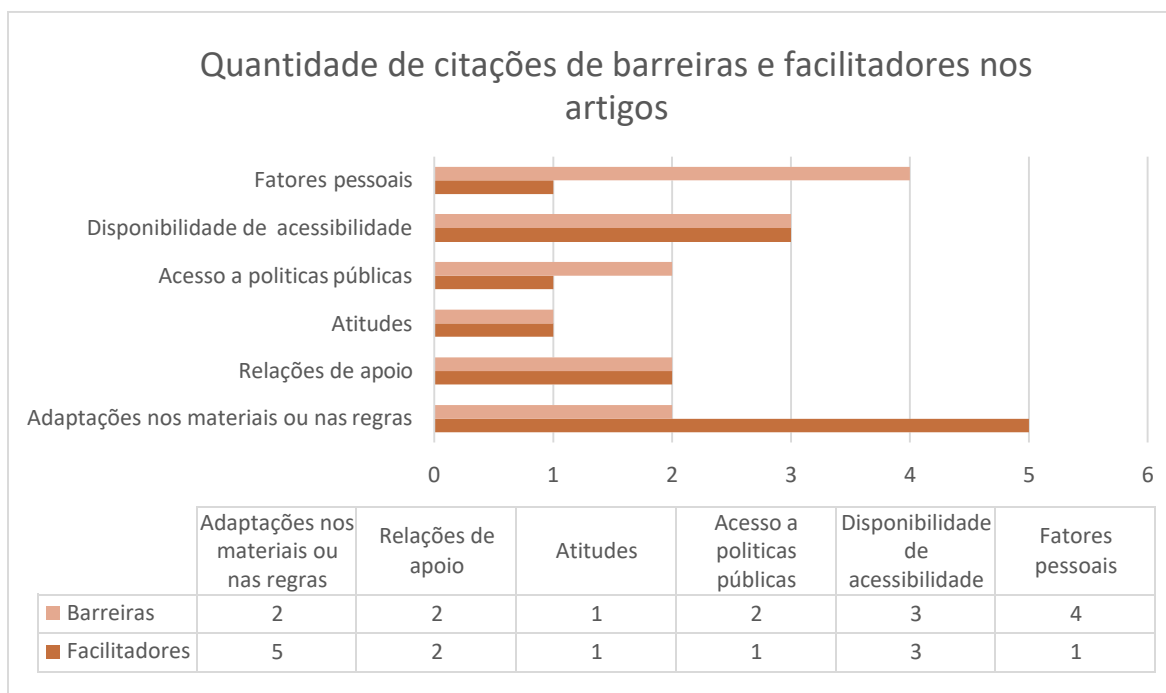
Ao analisar as publicações, notou-se que a maior parte dos estudos foi divulgada nos últimos 5 anos, sendo artigos mais recentes, num total de 6 publicações (60%); observou-se duas em 2014 (28%), duas em 2015 (18%), seguidas de uma publicação em 2018 (9%), uma em 2017 (9%), uma em 2011 (9%) uma em 2006 (9%), uma em 2004 (9%), e uma em 2001 (9%), nos demais anos não se encontrou publicações, como pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1 – Estudos selecionados de acordo com autores e ano de publicação, Brasília, 2019.

Nº	Título	Autores	Ano
1	A trajetória do Atleta Jovem Elite: Estratégias para Assegurar a Saúde Física e Emocional	Brazuna e Castro.	2001
2	Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física.	Bracciali, Manzini e Reganhan.	2004
3	Proposta de ensino de polybat para pessoas com paralisia cerebral	Strapasson e Duarte.	2006
4	O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidade das práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência - uma abordagem a partir da bioética da proteção	Campeão et al.	2011
5	Participation in leisure activities: Differences between children with and without physical disabilities	Schreuer e Rosenblum.	2014
6	Factors associated with physical activity in children and adolescents with a physical disability: a systematic review	Bloemen et al.	2014
7	Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro	Reis	2014
8	Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability	Lankhorst et al.	2015
9	Avaliação da acessibilidade em escolas municipais de Uberaba, MG	Soares et al.	2015
10	O efeito do esporte adaptado da qualidade de vida e no perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes com paralisia cerebral.	Feitosa et al.	2017
11	Vai jogar? Fatores que influenciam a participação de adolescentes com paralisia cerebral na educação física escolar	Figueiredo, Mancini e de Brito.	2018

Fonte: Desenvolvida pelo autor

No gráfico 2 é apresentado quais os principais fatores encontrados nos artigos, que funcionaram hora como barreiras e hora como facilitadores. Como barreiras foram identificadas as seguintes quantidades de estudos: os fatores pessoais foram citados em cinco estudos; a disponibilidade de acessibilidade citada em três; o acesso às políticas públicas citados em dois; atitudes dos indivíduos frente a suas condições em um; dois estudos citavam relações de apoio e; dois citavam adaptações nos materiais, métodos e regras. Já como facilitadores: dois estudos citaram os fatores pessoais; três a disponibilidade de acessibilidade; dois citaram o acesso às políticas públicas; um as atitudes frente as suas condições; dois citaram as relações de apoio e; cinco as adaptações nas regras e materiais.

Gráfico 2 – Principais barreiras e facilitadores encontrados nos artigos, Brasília, 2019.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

DISCUSSÃO

Poucos estudos atualmente abordam os fatores ambientais quando relacionado ao esporte, principalmente, quando falamos do público da adolescência. Podemos perceber isso nos resultados encontrados, onde ainda há uma quantidade reduzida de revisões da literatura, sendo ainda a maioria estudos experimentais. Além disso, a maioria dos estudos encontrados não citam os fatores ambientais de uma forma completa, tampouco os esportes de um modo geral, sendo assim, os artigos apresentam separadamente os fatores ambientais e pessoais com modalidades específicas. Percebe-se também que 60% dos artigos foram divulgados nos últimos 5 anos, a partir disso podemos inferir que a participação de adolescentes com deficiência tem sido estudada recentemente.

Considerando a CIF e os resultados encontrados, dentre os fatores pessoais e ambientais identificados nessa revisão estão: sexo; risco de lesões físicas; grau de deficiência; apoio financeiro; disponibilidade de dispositivos de auxílio e equipamentos adaptados; ambiente acessível; transporte adequado; políticas públicas eficazes e; confiança e autodeterminação. (CAMPEÃO, 2011; REIS, 2014; BRACCIALI; MANZINI; REGANHAN, 2004; SOARES et al., 2015; STRAPASSON; DUARTE, 2006; FIGUEIREDO; MANZINI; BRANDÃO, 2018; BRAZUNA; CASTRO, 2001).

No que diz respeito ao grau de deficiência, percebe-se que a paralisia cerebral foi a patologia mais citada (STRAPASSON; DUARTE., 2006; FEITOSA et al., 2017; FIGUEIREDO; MANZINI; BRANDÃO, 2018). Segundo Zanini, Cemin e Peralles (2017), a paralisia cerebral é uma das doenças de ordem neurológica que mais acomete os indivíduos ao nascimento, dessa forma é uma estratégia de tratamento a estimulação desde os primeiros meses de vida, dessa forma para esses indivíduos são oferecidas diversas possibilidades, como por exemplo, o esporte.

Relativo aos apoios e relacionamentos, os mais citados nos artigos foram: a quantidade de incentivo dos treinadores, a socialização e, o apoio familiar e de amigos próximos (BRAZUNA; CASTRO, 2001; FIGUEIREDO; MANZINI; BRANDÃO, 2018; BLOEMEN et al., 2015). Feitosa et al. (2017) relatam, em seu estudo, que a rede de apoio oferecida pelos pais e suas percepções acerca das habilidades de seus filhos podem influenciar na qualidade de vida e no desempenho esportivo. Além disso, os autores relatam que o esporte pode funcionar como importante estratégia de socialização promovendo essas bases de apoio que são importantes para o desenvolvimento desses adolescentes.

Já as atitudes dos adolescentes, foi o fator ambiental menos discutido na literatura, apenas dois artigos citaram brevemente. As atitudes citadas nos artigos consistiam na percepção dos adolescentes sobre seu próprio corpo e sua deficiência, atitudes de autodeterminação e autoconfiança como acreditar que poderiam vencer e o desejo de ser campeão (FIGUEIREDO; MANCINI; BRANDÃO, 2018; BLOEMEN et al., 2015).

No que concerne o fator produto e tecnologia, podemos considerar a Tecnologia Assistiva (TA) que, nada mais é, do que qualquer adaptação nas regras, matérias e métodos que iram auxiliar o adolescente com deficiência a praticar a modalidade com qualidade (BERSCH, 2008), conceito esse muito semelhante com o descrito na CIF. Segundo os artigos, as TA mais descritas foram: mudanças das regras do jogo e confecção e modificação de objetos (STRAPASSON; DUARTE, 2006; LANKHORST et al., 2015; FIGUEIREDO; MANCINI; BRANDÃO, 2018; FEITOSA, et al., 2017). A TA é uma importante estratégia de inclusão e de reabilitação utilizada por diferentes profissionais da saúde e da educação. São exemplos de adaptações utilizadas no esporte: cadeira de rodas adaptada, órteses, palmilhas especiais, adaptação de raquetes, calhas para bocha, ponteiros e faixas para fixação de joelhos, pelve e tórax, e até mesmo mudanças nas regras, como por exemplo, o vôlei sentado (MARQUES, 2017; SILVA, 2015; STRAPASON; DUARTE, 2006, LANKHORST et al., 2015).

Sobre o ambiente, nota-se que de acordo com os resultados 60% dos estudos citaram a escola como local da prática esportiva. Podemos refletir, a partir disso, que na fase de iniciação da prática esportiva existem poucos locais para inclusão e desenvolvimento do paradesporto. Sendo assim, para adolescentes e adolescentes com deficiência a escola tende a ser um local adequado, possibilitando o primeiro contato e oferecendo a aquisição de habilidades e oportunidades. No estudo de Bracciali, Manzini e Reganhan (2004), por exemplo, as autoras identificaram que a escola, é um dos locais utilizados para se desenvolver atividades esportivas, permitindo a participação de indivíduos com deficiência em jogos e possibilitando assim a exploração, estimulação de habilidades e os primeiros sentimentos de competitividade. Pode-se perceber também, que os locais destinados a atividades de lazer e esportiva, devido a diversas limitações, muitas vezes acaba por ser insuficiente na participação desses adolescentes. Soares et al (2015) relatam que essa inclusão é uma realidade desafiadora, pois o acesso às atividades físicas e esportivas está longe de ser ideal, isso porque não existem equipamentos adaptados e nem ginásios esportivos adequados para a prática de adolescentes com deficiência.

Ao identificarmos serviços e políticas, apenas dois artigos citaram políticas públicas. Segundo a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência é dever do poder público promover a acessibilidade e a participação da pessoa com deficiência em jogos, recreação e esporte, incentivando o treino e uso de recursos adequados em igualdade as demais pessoas (BRASIL, 2015). Porém, de acordo com os artigos encontrados, percebe-se que existem diversas políticas públicas voltadas ao mundo esportivo, dessa forma, elas acabam por ter menos oportunidades visto que necessitam de diversas especificidades para praticarem modalidades esportivas. Campeão (2011) realizou um estudo dialético com o objetivo de analisar o alcance de bioética relacionada à proteção das políticas públicas protetoras de pessoas com deficiência. De acordo com o autor, a prática de atividades esportivas tem os mesmos objetivos para indivíduos com e sem deficiência, porém, as necessidades para a realização são diferentes. Dessa forma, as modalidades devem sofrer alguns ajustes nas regras, regulamentos e locais de treinamento para oferecer flexibilidade e oportunidade para que possam ter experiências prazerosas, entretanto, quando se fala em políticas públicas, poucas abordam esses ajustes ou mesmo os direitos reservados a esse público.

Ainda de acordo com as políticas públicas, o estudo de Reis (2014), sobre políticas públicas voltadas para a prática paradesportiva de alto rendimento, relata que o Ministério do Esporte (ME), através de sua política, compreende dentro do esporte de alto rendimento atletas com e sem deficiência, ou seja, dentro do quantitativo de financiamento esportivo há apenas

uma porcentagem dos recursos voltada ao paradesporto. Nesse sentido, não existe uma política nacional de esportes para pessoas com deficiência, estando envolvida apenas na política nacional de esporte que acaba por ser falha, sendo assim se torna importante para o país o desenvolvimento do esporte paralímpico para criação de políticas que sejam eficazes para o mesmo.

Considerando os fatores ambientais e pessoais no esporte para adolescentes com deficiência, as principais barreiras identificadas foram: baixa estimulação dos cuidadores; estigmas sociais; falta de incentivo político; falta de adaptações; adaptações inadequadas; falta de preparo dos professores e treinadores; falta de apoio familiar; dispositivos adequados para auxiliar a locomoção; falta de acessibilidade no local dos treinos; limitações funcionais (grau de comprometimento) e; o alto custo de recursos e materiais (LANKHORST, et al., 2015; FIGUEIREDO; MANCINI; BRANDÃO, 2018; BLOEMEN et al., 2015; FEITOSA et al, 2017; SCHREUER; SACHS; ROSENBLUM, 2013).

No estudo de Feitosa et al. (2017), percebe-se que existem diversos motivos que causam a baixa adesão de adolescentes com deficiência no esporte, ou seja, funcionam como barreiras. Ainda hoje muitas pessoas subestimam pessoas com deficiência pelo grau de sua lesão, porém atualmente, mesmo indivíduos com deficiências com maior grau de comprometimento podem praticar esporte. Inclusive, dentro da mesma modalidade pode haver diversas classificações, onde os adolescentes só competem com indivíduos da mesma categoria, ou seja, grau de comprometimento similar. Shreuer, Sachs e Rosenblum (2013) relatam que adolescentes do sexo feminino com deficiência participam de uma variedade menor de atividades de lazer, e por consequência têm menos oportunidades de participar de atividades esportivas.

Lankhorst et al (2015) relataram que essas barreiras causam uma baixa adesão de pessoas com deficiência, que são pouco estimuladas desde a vida escolar. Bloemen et al. (2015) consideram que o transporte quando não está disponível, ou quando não tem acessibilidade, funciona como uma barreira. Outro ponto, que vale levar em consideração, é a falta de programas ou políticas que incentivem esses adolescentes com deficiência à prática esportiva.

Já como facilitadores, os fatores ambientais e pessoais mais citados foram: atitudes dos usuários (autoconfiança e desejo de praticar); apoio (por parte dos amigos); adaptação das atividades (pelo professor); as atitudes de autoconfiança relacionadas à própria deficiência; equipamentos adaptados; atividades adaptadas; programas voltados para o esporte e; acesso ao transporte quando estavam disponíveis. (FIGUEIREDO; MANCINI; BRANDÃO, 2018; BLOEMEN et al., 2015; STRAPASSON; DUARTE, 2006).

No estudo de Strapasson e Duarte (2006), nota-se que a TA tem sido importante na inclusão de adolescentes com deficiência no esporte, podendo ser vista como um fator facilitador nesse contexto. Isto pode ser observado através de recursos de TA que foram utilizados no estudo, onde os adolescentes e adolescentes obtiveram melhora em sua participação. As TA utilizadas foram: mudanças nas regras, adaptações nos materiais do jogo, como a raquete, e, a utilização de novo recurso, como a cadeira de rodas. Vale a pena citar também o estudo de Figueiredo, Mancini e Brandão (2018), que descrevem os seguintes facilitadores: a quantidade de apoio recebido de pessoas próximas, como amigos e família, que encorajam e autodeterminam a participação de pessoas com deficiência no esporte e, as atitudes dos professores e treinadores, como por exemplo, a iniciativa de adaptar atividades para a participação dos adolescentes com deficiência.

Por fim, percebe-se que os fatores ambientais funcionam tanto como barreiras, quanto como facilitadores a depender do comportamento dos indivíduos e o contexto em que estão inseridos. Analisar esses fatores nos possibilita refletir sobre o preenchimento de lacunas que impedem os adolescentes com deficiência a participarem da prática esportiva de maneira eficaz e com qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação de adolescentes com deficiência no paradesporto parece ser resultado de uma rede complexa de fatores que incluem elementos do contexto ambiental e/ou pessoal. Conhecer as principais barreiras e facilitadores que envolvem os fatores ambientais e pessoais, sob a perspectiva do contexto de adolescentes, pode contribuir para a realidade de estudos nacionais e servir como base para estudos posteriores de profissionais que se interessem pela área da reabilitação.

Os fatores pessoais como a condição financeira e o grau de deficiência devem ser levados em consideração quando pensarmos na implementação de uma modalidade esportiva, influenciando diretamente na continuidade dos treinamentos. Já para os fatores ambientais, pode-se perceber que acabam funcionando principalmente como barreiras, existindo ainda um longo caminho a percorrer, a começar pela criação de políticas públicas e aplicação eficaz de práticas esportiva, dando espaço para adaptações arquitetônicas, tecnologias assistivas, empoderamento do indivíduo frente sua condição e o nível de apoio familiar.

Por fim, é necessária ainda, a divulgação de possibilidades esportivas para diferentes níveis de comprometimento, tanto para os familiares, bem como, para os profissionais leigos.

Além disso, o investimento na capacitação de professores escolares e treinadores sobre formas de fazer a inclusão consistem em possíveis intervenções para transformar as barreiras elencadas em futuros facilitadores nesse contexto.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. **INTRODUÇÃO À TECNOLOGIA ASSISTIVA**. Porto Alegre: Cedi, 2008. 19 p.

BLOEMEN, Manon et al. Factors associated with physical activity in children and adolescents with a physical disability: a systematic review. **Dev Med Child Neurol.**, [s.l.], v. 57, n. 2, p.137-148, fev. 2015.

BRACCIALLI, Lígia Maria P; MANZINI, Eduardo José; REGANHAN, Walkiria Gonçalves. Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física. **Temas Sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n. 77, p.37-46, dez. 2004.

BRAZUNA, Melissa Rodrigues; CASTRO, Eliane Mauerberg de. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.115-123, dez. 2001.

CAMPEÃO, Márcia da Silva. **O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidadedas práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência**: uma abordagem a partir da bioética da proteção. 2011. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências / Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

FEITOSA, Luzanira Correia et al. O EFEITO DO ESPORTE ADAPTADO NA QUALIDADE DE VIDA E NO PERFIL BIOPSIKOSSOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM PARALISIA CEREBRAL. **Revista Paulista de Pediatria**, [s.l.], v. 35, n. 4, p.429-435, dez. 2017.

FIGUEIREDO, Priscilla Rezende Pereira; MANCINI, Marisa Cotta; BRANDÃO, Marina de Brito. “VAI JOGAR?” FATORES QUE INFLUENCIAM A PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES COM PARALISIA CEREBRAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento (esfid/ufrgs)**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.801-814, 30 set. 2018.

ITANI, Daniela Eiko; ARAÚJO, Paulo Ferreira de; ALMEIDA, José Julio Gavião de. Esporte adaptado construído a partir das possibilidades: handebol adaptado. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 72, p.1-4, maio 2005.

LABRONICI, Rita Helena Duarte Dias et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, [s.l.], v. 58, n. 4, p.1092-1099, dez. 2000.

LANKHORST, Kristel et al. Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability. **Springerplus**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.796-801, dez. 2015.

MARQUES, Marianne Pinheiro. **Caracterização dos fatores ambientais no para esporte segundo o raciocínio clínico da CIF: a tecnologia assistiva, fatores pessoais, sociais e desempenho**. 2017. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação, Universidade de Brasília, Ceilândia, 2017.

MENDES, Karina dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v. 17, n. 4, p.758-764, dez. 2008.

REIS, Rafael Estevam. **POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SCHREUER, Naomi; SACHS, D.; ROSENBLUM, S.. Participation in leisure activities: differences between children with and without physical disabilities. **Res Dev Disabil**, [s.l.], v. 35, n. 1, p.223-233, out. 2013.

SANTOS, Tatiana Vasconcelos dos; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; GOMES, Romeu. Quando a participação de crianças e jovens com deficiência não se resume à atividade: um estudo bibliográfico. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 10, p.3111-3120, out. 2016.

SILVA, Anselmo de Athayde Costa e et al. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 27, n. 4, p.679-687, dez. 2013

SILVA, Damiana Gambarra da. **Papeis ocupacionais desempenhados e identificação das tecnologias assistivas utilizadas pelos para-atletas do esporte adaptado da UFPB**. 2015. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOARES, Victor Ruan Carvalho et al. Avaliação da acessibilidade em escolas municipais de Uberaba, MG. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.63-73, jun. 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Estatuto da Pessoa Com Deficiência**. Brasília, 2015.

STRAPASSON, Aline Miranda; DUARTE, Edison. Proposta de ensino de polybat para pessoas com paralisia cerebral. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.165-175, dez. 2006.

BATTISTELLA, Linamara Rizzo; BRITO, Christina May Moran de. International Classification of Functioning Disability and Health (ICF). **Acta Fisiátrica**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.98-101, ago. 2002.

RÉ, Alessandro H. Nicolai. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. **Motricidade**, [s.l.], v. 7, n. 3, p.55-67, jul. 2011.

WENNER, Rebecca C. **Sports and Recreation for Children with Disabilities**. 2016. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos da Criança e da Família, St. Cloud State University, St Cloud, 2016.

ZANINI, Graziela; CEMIN, Natália Fernanda; PERALLES, Simone Nique. Paralisia Cerebral: causas e prevalências. **Fisioter. Mov.**, [s.l.], v. 22, n. 3, p.375-381, set. 2017.

4.2 Estudo 2 – Estudo Piloto

Caracterização dos fatores pessoais, políticas públicas, ambiente e tecnologia assistiva na participação de adolescentes com deficiência que praticam esportes de competição.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, o qual procurou descrever as características da realidade estudada, sendo fundamental quando há pouco conhecimento em um determinado assunto a ser estudado (Aragão, 2013).

Optou-se pela abordagem quantitativa, em que se generaliza os resultados para a população-alvo, por meio de instrumentos estruturados.

A pesquisa foi realizada no Centro de Treinamento de Educação Física Especial (CETEFE) de Brasília, no período de novembro a dezembro de 2018. O CETEFE é uma associação de assistência social, sem fim lucrativos, que presta serviços gratuitos para as pessoas com deficiência e seu núcleo familiar, instituições sociais, públicas e particulares, as quais são domiciliadas no Distrito Federal e na Região Integrada de Desenvolvimento do DF. Abrange programas sociais, incluindo atividade esportiva.

Optou-se pela amostra por conveniência composta por nove adolescentes, cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Destes, três praticavam natação, um tênis de cadeira de rodas, um bocha e quatro futebol de 7. Eram residentes das oito cidades do Distrito Federal: dois em Ceilândia, um em Águas Claras, um em Sobradinho, um no Gama, um em Brasilândia, um em Valparaíso, um na Cidade Ocidental e um em Planaltina.

Para a seleção amostral foi feita a consulta ao cadastro de 126 adolescentes do CETEFE. Como critérios de inclusão foram considerados os adolescentes entre 12 e 17 anos com deficiência física e/ou visual que competiam em jogos escolares e, ter assiduidade nos treinos há mais de três meses. Foram excluídos os paratletas que deixaram de apresentar o TCLE assinado pelo responsável e o termo de Assentimento assinado pelo jovem.

Os responsáveis pelos adolescentes puderam auxiliar os adolescentes nos questionários, quando estes tinham dúvidas ou desconhecimento sobre as informações solicitadas.

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Critério Brasil: utilizado para classificar a condição econômica da família do adolescente. O instrumento caracteriza dados da população analisada quanto ao poder aquisitivo e o meio social em que vivem. É um questionário sociodemográfico, que enfatiza o poder de compra das

pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. Traz a classificação de A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E, sendo esta última a mais baixa. As respostas foram auxiliadas pelo responsável, quando necessário (Abep, 2015).

- Questionário de caracterização do adolescente: criado pelos pesquisadores, esse instrumento teve como propósito identificar idade, modalidade esportiva praticada, conhecimento sobre os benefícios e acesso às políticas públicas. Este questionário foi respondido em parceria com o responsável pelo adolescente.

- Avaliação de Tecnologia Assistiva- Predisposição ao Dispositivo: foi aplicada a seção C do instrumento, que tem como intuito identificar fatores pessoais e de apoio social positivos e negativos. Os itens de 22 a 54, como: “eu tenho o apoio que eu quero da minha família”, “eu tenho o apoio dos meus amigos”, “eu desejo ir à escola ou trabalhar” e, “eu fico frequentemente com raiva”, foram pontuados quando, segundo o participante, ocorrem frequentemente ou geralmente. Para a análise desta sessão, é feita a somatória dos pontos considerados como positivos e negativos, segundo o instrumento (Alves, Matsukura & Scherer, 2017).

- Avaliação *Quebec User Evaluation of Satisfaction with Assistive Technology (QUEST B 2.0)* 22: foi utilizada para investigar a satisfação do esportista em relação ao seu dispositivo de tecnologia assistiva e os serviços que ele utiliza. Assim, chega-se ao escore final a partir da escala de 1-5, onde 1 é insatisfeito, 2 pouco satisfeito, 3 mais ou menos satisfeito, 4 bastante satisfeito e 5 totalmente satisfeito. As respostas foram auxiliadas pelo responsável, quando necessário (Carvalho, Júnior & Bolívar, 2014).

Para a análise dos dados do questionário, foi feita a análise descritiva apresentada por frequência em números absolutos. Já os dados advindos dos questionários ABEP, ATD PA e Quest, foram analisados a partir dos escores e classificações, fornecidos por cada instrumento, também apresentados por frequências e número absolutos.

Optou-se em apresentar os resultados dentro das categorias de Fatores Ambientais da CIF: 1) Apoio e relacionamentos, atitudes, 2) Serviços, sistemas e políticas e 3) Produtos, tecnologias e ambiente.

Este estudo é parte da pesquisa intitulada INVESTIGAÇÃO SOBRE O PARAESPORTE JUVENIL aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisas com seres Humanos da Universidade de Brasília sob o parecer no. 2.986.928.

RESULTADOS

A tabela 1 abaixo apresenta o perfil dos paratletas deste estudo.

Tabela 1: Perfil dos Adolescentes Participantes, Brasília, 2019

Fonte: Desenvolvida pelo autor

Como mostrou a tabela 1, a modalidade esportiva futebol de 7 teve a participação de quatro dos adolescentes, seguido de três da natação. Os resultados mostraram que quatro dos adolescentes tinham 13 anos de idade, seguidos por três dos adolescentes de 16 anos, sendo cinco do sexo masculino.

Em relação ao diagnóstico, cinco apresentaram Paralisia Cerebral, seguido por três com deficiências congênitas e um participante com lesão medular. Com o uso do Critério Brasil pode-se classificar a condição econômica das famílias dos adolescentes. Notou-se que, das classes econômicas identificadas no estudo, sete participantes tiveram a classificação B2, em que a renda familiar está estimada em média de 4 salários mínimos. Os outros dois participantes foram classificados na classe C1, em que a renda familiar estimada é de 2 salários mínimos.

Com relação à tecnologia Assistiva, cinco participantes não utilizavam equipamentos de tecnologia Assistiva, porém, o esporte que participavam exigia regras adaptadas específicas

Participante	Esporte praticado	Tipo de deficiência	Tecnologia Assistiva utilizada
P1	Tênis de cadeira de rodas	Lesão medular L2/LB (completa)	Cadeira de rodas / Faixa para os joelhos
P2	Natação	Deficiência congênita no braço direito	Adaptação nas regras
P3	Bocha	Paralisia Cerebral – diparesia	Cadeira de rodas e cinto torácico
P4	Natação	Deficiência congênita no fêmur	Adaptação nas regras
P5	Natação	Deficiência congênita na mão esquerda	Adaptação nas regras
P6	Futebol de 7	Paralisia cerebral – tetraparesia	Adaptação nas regras
P7	Futebol de 7	Paralisia cerebral – diparesia	Adaptação nas regras
P8	Futebol de 7	Paralisia cerebral – hemiparesia	Adaptação nas regras
P9	Futebol de 7	Paralisia cerebral – hemiparesia	Palmilha para sapato

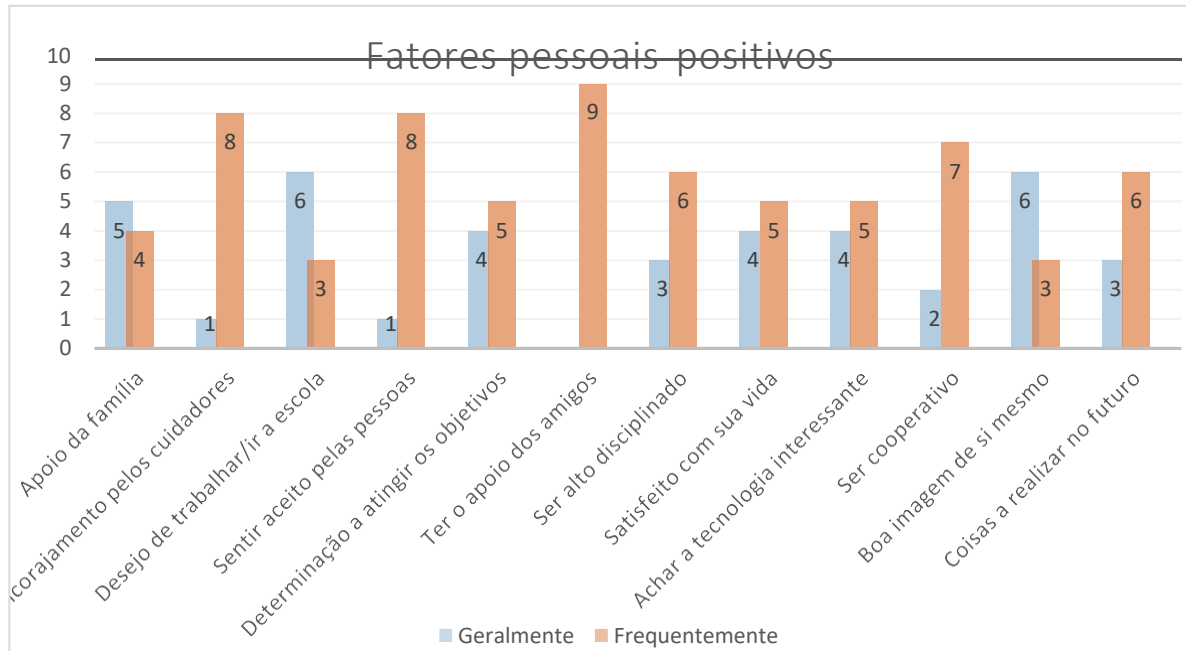
para pessoa com deficiência, como por exemplo, o futebol de 7 e a natação. Dentre os três participantes que utilizavam dispositivos de TA, os recursos utilizados eram a cadeira de rodas, palmilha para sapato e cinto torácico. No que diz respeito à participação no paraesporte, dentre os participantes da pesquisa, oito participaram de competições durante todo o ano. Quando questionados sobre a possibilidade de competir profissionalmente, todos os usuários relataram que desejam competir, fazendo do esporte um meio de subsistência.

Abaixo serão apresentados os principais resultados seguindo-se a sequência dos fatores ambientais descritos pela CIF: 1) Apoio, relacionamentos e atitudes; 2) serviços, sistemas e políticas e; 3) produtos, tecnologias e ambiente.

1) Apoio, relacionamentos e atitudes

Abaixo estão representados a descrição dos adolescentes em relação ao apoio familiar, encorajamento, desejos, aceitação, determinação, apoio dos amigos, disciplina, propósito de vida, cooperação, autoimagem e realizações futuras, correspondente a seção C do ATDPA Br.

Figura 1 - Fatores pessoais positivos, Brasília, 2019.



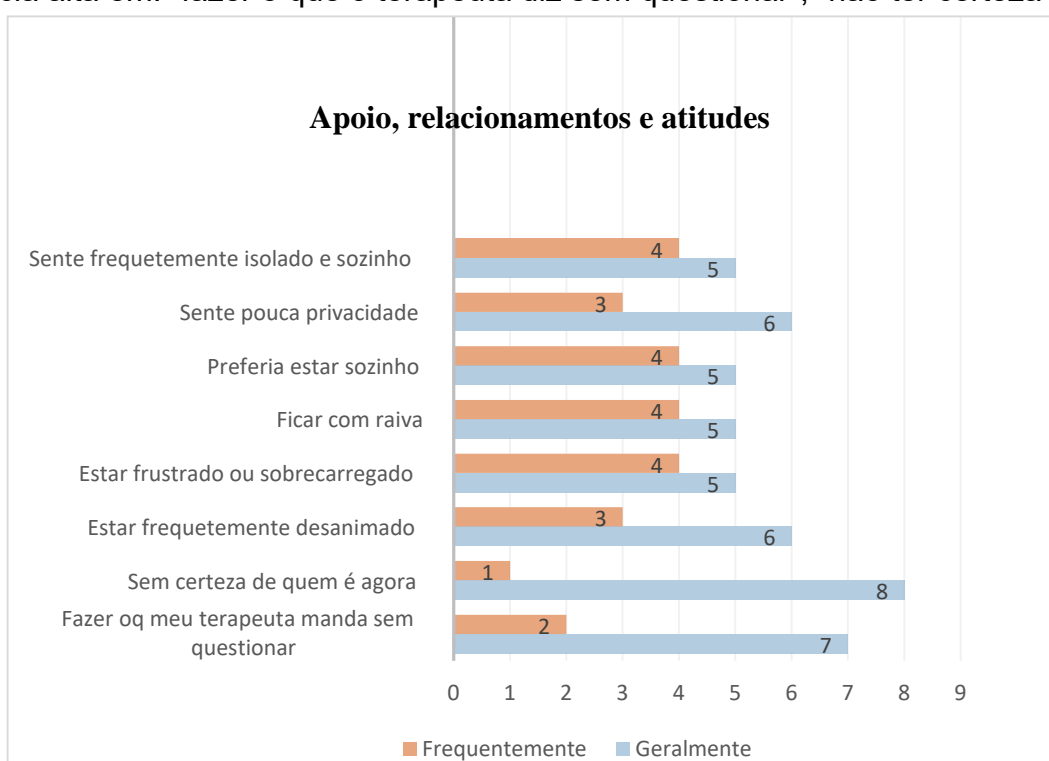
Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Podemos observar na figura 1 que, no relato dos nove participantes, oito identificaram estar frequentemente se sentindo aceitos. Seguindo, encontramos questões relacionadas ao encorajamento pelos cuidadores, a satisfação com a vida e coisas que queira realizar, citado como “frequentemente” por sete dos adolescentes.

Figura 2. Apoio, relacionamentos e atitudes descritos pelos paratletas - Fatores negativos, Brasília, 2019.

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Abaixo estão representados os fatores negativos indicados pelos participantes, também relacionados à avaliação ATDPA. Relacionados a fatores negativos, podemos observar frequência alta em: “fazer o que o terapeuta diz sem questionar”, “não ter certeza de quem sou



agora” e “sentir pouca privacidade”, com sete adolescentes respondendo “geralmente” e; “se sentir isolado e sozinho”, com sete adolescentes respondendo frequentemente.

Em relação ao incentivo a prática do esporte, três dos participantes receberam incentivo de professores, dois da família, dois de amigos e dois tiveram iniciativa própria para ingressar no esporte. Do total de adolescentes participantes, todos afirmaram estar no esporte com o desejo de competirem profissionalmente.

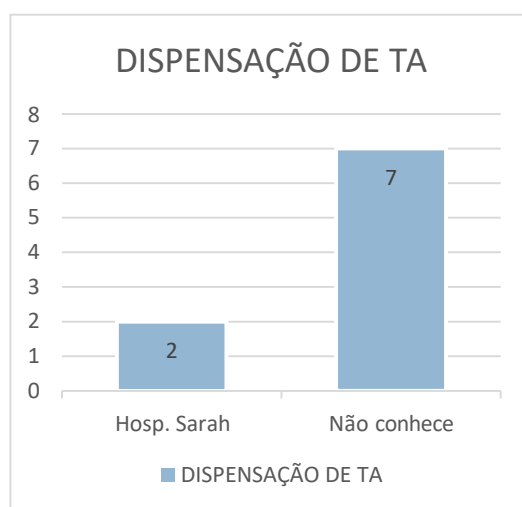
2) **Serviços, sistemas e políticas.**

Verificou-se que seis dos participantes não conheciam e não usufruíam de nenhuma política pública voltada para o esporte ou para dispensação de TA. Dentre as políticas públicas identificadas estão: bolsa atleta (auxílio mensal), auxílios para deslocamento para competições, e outros provenientes da secretaria de esportes. Embora não se enquadrem em políticas públicas, um participante recebia patrocínio de empresas de cadeira de rodas.

Pode-se perceber que os paratletas que recebem auxílio financeiro, tanto de política pública quanto de patrocínio, participaram de mais competições e obtiveram colocações melhores.

Ao investigar as noções sobre políticas públicas, cinco dos participantes conhecem e já participaram do programa da Secretaria do Esporte (Compete Brasília), seguido por três que não conhecem nenhum programa e, um que conhece e participa do Bolsa Atleta. A figura 3 demonstra o conhecimento sobre políticas de concessão de TA pelos participantes.

Figura 3: Conhecimento e uso de Políticas públicas e/ou Programa de dispensação de TA, Brasília, 2019.



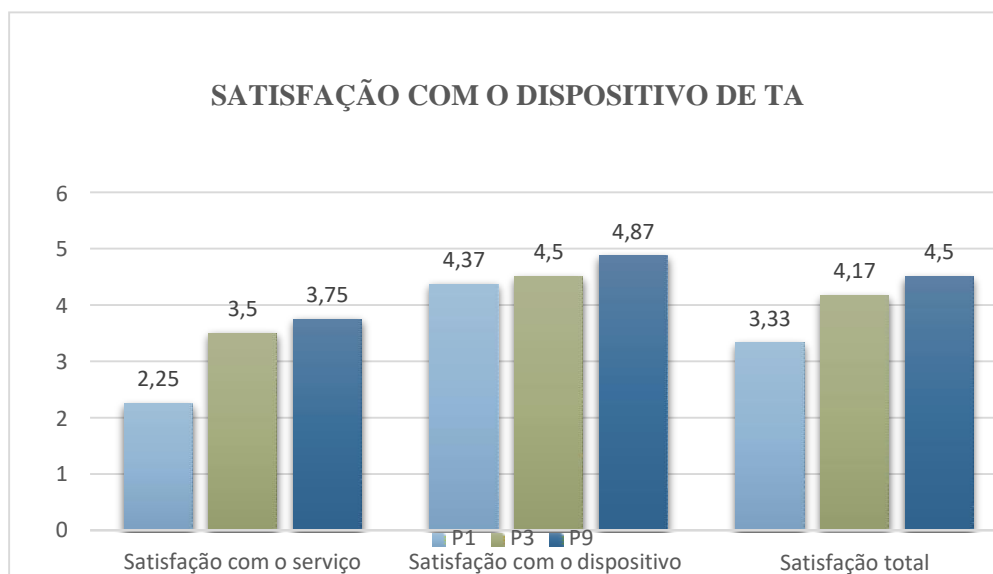
Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Como pode se observado, 78% apontaram não conhecer nenhum programa voltado para a concessão de TA, seguido de 22% que conhecem e participaram do programa do Hospital Sarah Kubitschek.

3) **Produtos, tecnologias e ambiente.**

A respeito dos dispositivos de TA e sua utilização, quatro participantes faziam uso de equipamentos de TA, sendo que apenas três utilizavam para o esporte. Os equipamentos foram concedidos por patrocinadores, ou pelo programa do Hospital Sarah Kubitschek, ou ainda, pelo próprio usuário junto à família que percebeu a necessidade e confeccionou o equipamento. Dentre os que usavam equipamentos de TA, foram elencados, a partir da QUEST, os fatores que os adolescentes consideraram de maior importância, o grau de satisfação com o uso de suas TA e do serviço prestado que podem ser visualizados na figura 4.

Figura 4: Satisfação com o dispositivo de TA, Brasília, 2019.



Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Nota-se escores de satisfação (acima de 2,5) com o dispositivo de TA para os três participantes e com o serviço de TA para dois participantes. Pode-se obter o escore total de satisfação de pouco satisfeito ou satisfeito com a TA pelos três paratletas.

Dentre os três participantes que utilizavam dispositivo de TA, considerou-se as facilidades e dificuldades trazidas pelos dispositivos. Pode-se notar que três apontaram que a TA facilita a prática no esporte em relação ao conforto, e apenas dois apontaram que a TA dificulta no quesito medida e estética e, um apontou que a TA não dificulta.

No que tange a acessibilidade, seis adolescentes utilizam carro para irem aos treinos, quatro responderam não ter dificuldade com transporte e sete não apresentaram dificuldades no trajeto ao treino. O metrô, por ser um meio de transporte público mais acessível para pessoas com deficiência, também é utilizado pelos usuários da instituição que apresentam maior independência nos treinos. Os ônibus foram o meio de transporte menos utilizado pelos participantes, pela falta de acessibilidade e dificuldade de acesso para pessoas com deficiência. No local dos treinos, que são realizados no CETEFE, oito dos adolescentes responderam não ter dificuldades e, sobre a necessidade de auxílio para colocar os acessórios para o esporte, seis dos participantes disseram necessitar.

DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa demonstram como se comportam os fatores ambientais quando relacionados à prática desportiva, nota-se que esses fatores oscilam entre barreiras e facilitadores. Embora alguns fatores ambientais nesse estudo tenham sido vistos como facilitadores, é necessária uma atenção às barreiras identificadas.

Vale ressaltar também, os desafios enfrentados na coleta com a população alvo deste estudo que limitaram a coleta como: as diferentes localizações e cidades dos treinos; a falta de assiduidade nos treinos, por motivos pessoais ou por competições fora do estado e; pelo esquecimento das assinaturas do TCLE no dia marcado pelos pesquisadores.

Dos diagnósticos observados, cinco dos adolescentes apresentavam Paralisia Cerebral (PC). Sabe-se que a PC tem prevalência, dentre as deficiências físicas, na faixa etária de 4-6 anos, seguido para acima de 8 anos, apresentando uma porcentagem de 32% de 4-6 e 27% acima de 8 anos (Toledo, Pereira, Vinhares, Lopes & Nogueira, 2015). Este dado pode também explicar o fato da modalidade praticada em sua maioria neste estudo ser o futebol de 7, esporte adaptado especificamente para esta população, muitas vezes até chamado de futebol para PC.

Em relação ao sexo dos adolescentes, observou-se um equilíbrio entre os sexos feminino e masculino. Em relação a adolescentes com deficiência e práticas de esporte, Sabato, Walch e Caine (2016), realizaram um estudo de revisão da literatura com o objetivo de identificar o risco de lesão física e psicológica associado à participação em esportes juvenis de elite. Dentre os resultados, os autores demonstraram que a população que pratica esporte vem crescendo, principalmente, em relação à adesão das meninas.

Pode-se notar a partir dos dados que, os Fatores Ambientais descritos pela CIF como apoio, relacionamentos e atitudes; serviços, sistemas e políticas e; produtos, tecnologias e ambiente, podem atuar como barreiras ou facilitadores nas atividades e participação no esporte da pessoa com deficiência (Farias & Buchala, 2005).

Relacionando-se aos resultados obtidos em fatores pessoais positivos e negativos destacados pelos adolescentes, oito dos participantes indicaram ter “aceitação entre as pessoas”, mas em contraponto, sete disseram “se sentir frequentemente isolado e sozinho”. Estes dados reforçam que a participação no esporte de pessoas com deficiência pode resultar em efeitos positivos em relação à autoeficácia, participação em atividades significativas, sentimento de pertencimento e outros, porém, também pode resultar em efeito negativo na vida social (Côté-Leclerc et al., 2017).

Ao responderem sobre o incentivo a prática esportiva, a maioria respondeu que veio de professores e todos os adolescentes mostraram-se interessados em seguirem o esporte para o nível de alto rendimento. Isto pode reforçar apontamentos advindos de um estudo sobre as

características da formação esportiva na escola a partir do programa “Atleta na Escola”. Os autores demonstraram, assim como neste estudo, que a escola e a educação física são potenciais selecionadores e incentivadores de talentos esportivos olímpicos e paraolímpicos (Reis, Athayde, Nascimento & Mascarenhas, 2015).

Relativo aos fatores serviços, sistemas e políticas, observou-se que a classe B2 (classe econômica moderada) é predominante, 75% dos participantes, e que, o indivíduo da amostra que tem a classe mais alta é praticante da modalidade tênis. Essa modalidade, dentre as outras da pesquisa, é a que traz maior demanda de equipamentos como: cadeira esportiva personalizada e adaptada, raquetes modificadas e outros, a depender da demanda específica do usuário. Já todos os integrantes de futebol de 7 estão entre a classe B2 e C1, que é uma das modalidades que menos exige equipamentos externos para se manter praticante.

Isto corrobora com o estudo de revisão a respeito de acessibilidade ao esporte, o qual questiona a inclusão efetiva e critica os direitos do cidadão ao acesso ao esporte, lazer e cultura, referindo ser algo ainda para uma minoria privilegiada (Barrozo et al., 2018). Desta forma, as políticas públicas quando não executadas, podem atuar como barreiras.

Portanto, nota-se que outra forma de incentivo ao paresporte apontado no estudo foi o setor privado, contribuindo ao oferecer patrocínios, os quais possibilitaram o engajamento desses indivíduos no esporte, favorecendo a obtenção de dispositivos (cadeira de rodas, raquetes de tênis), compra de uniformes, financiamento dos treinos em academias e outros a depender do esporte.

Como foi observado nos resultados, uma quantidade significativa de participantes, não tinha noção das políticas públicas, dos benefícios ou de fornecimento de equipamentos de TA. Uma pesquisa a esse respeito discutiu que a acessibilidade é um fator importante e, que ultrapassa o elemento “barreiras arquitetônicas”. O autor apontou o levantamento de três ações que contemplam o esporte paraolímpico: a Lei nº 10.624/2001 (Lei Agnelo/Piva), Lei nº 10.891/2004 (bolsa atleta) e Lei nº 11.438/2006 (incentivo ao esporte). Essas contemplam crianças e adolescentes (Reis, 2014). Dessa maneira, observa-se também uma possível falha de acessibilidade às informações, aos adolescentes e seus familiares desta pesquisa.

No que concerne aos produtos, tecnologias e ambiente, pode-se notar que em relação à satisfação com o dispositivo de TA e com os serviços prestados na área, houve escores de satisfação e pouca satisfação. Pesquisas apontam que aproximadamente 30% das pessoas abandonam suas tecnologias, antes de um ano de uso (Alves, Matsukura & Scherer, 2017). Isso se deve diretamente a satisfação que o usuário tem em relação ao dispositivo e que depende da participação do indivíduo durante a seleção da tecnologia, da não adaptação do indivíduo ao

dispositivo e da tecnologia inadequada. Nesta pesquisa, foi possível observar essa relação, quando apresentado os fatores considerados importantes para o uso de TA como: o conforto, a facilidade de uso e reparo e, a assistência técnica. Das dificuldades apontadas também pode-se destacar o conforto, a estética e as medidas inapropriadas.

Assim, como mostraram alguns estudos realizados por terapeutas ocupacionais sobre a implementação de dispositivos de TA, os profissionais devem ser capacitados para a indicação de tais dispositivos, para avaliarem as atividades de cada usuário e de seu contexto, além das habilidades e capacidades com a TA. Estes pesquisadores apontaram que, se não houver correspondência entre a TA, o indivíduo, suas atividades e contexto, tanto o dispositivo quanto a atividade desempenhada poderão atuar como barreira e serem abandonados. Para que isto não ocorra, sugere-se que a TA seja adequada ou adaptada às demandas individuais, para que favoreça maior desempenho e participação possíveis nas atividades, tendo-se a satisfação do indivíduo como norteadora neste processo (Huri, 2017; Alves et al., 2017).

Espera-se que a partir da publicação da resolução nº 4958, a qual valida a prática da Terapia Ocupacional no desporto e paradesporto no Brasil, disponha também a maior atenção destes profissionais para a área, ampliando-se assim, saberes que possam favorecer a participação social das pessoas com deficiência no esporte, tratada em seu âmbito pessoal, ambiental e social.

Por fim, considerando-se o ambiente natural e as mudanças feitas pelo homem, a Lei de inclusão da pessoa com deficiência, considera dever do poder público promover o transporte público adequado e com acessibilidade, para que essas pessoas possam exercer o direito de ir e vir (Farias & Buchala, 2005). Atualmente, os sistemas de metrô e ônibus deveriam estar adequados para a utilização de pessoas com deficiência, porém, os transportes públicos acabam por ter pouca frota disponível e em grande parte depredada, causando uma superlotação, dificultando assim, o acesso desses indivíduos.

A partir disso, compreende-se que os atletas que têm melhores recursos financeiros preferiram utilizar o carro como meio de transporte, uma vez que, o mesmo, apresenta maior conforto, comodidade e riscos diminuídos.

Esta pesquisa pode confirmar que os fatores ambientais descritos pela CIF como apoio e atitudes; acesso as políticas públicas e; satisfação com as tecnologias assistivas e serviços prestados, podem atuar como barreiras ou facilitadores nas atividades e participação da pessoa com deficiência.

Desta forma, considera-se a necessidade de ampliação de pesquisas e práticas no paraesporte que estejam voltadas para os fatores ambientais, por profissionais que atuam na área e, principalmente, por terapeutas ocupacionais.

Também, o presente estudo pode mostrar que o esporte para a pessoa com deficiência deve ir além do objeto de reabilitação, interação ou causas de lesões, o esporte deve também ser discutido como papel ocupacional e social na vida deles.

CONCLUSÃO

Este estudo pode contribuir para o conhecimento e compreensão dos fatores ambientais na prática do adolescente deficiente que pratica esporte de competição seguindo-se o referencial da CIF.

Esta pesquisa aponta para necessidade de ampliação da discussão do tema em âmbito nacional, área ainda pouco explorada e em construção científica. Novos estudos devem explorar a área do esporte para a pessoa com deficiência e, principalmente, os facilitadores e as e as barreiras encontradas para a iniciação e ingresso dos adolescentes no esporte.

REFERÊNCIAS

Alves, A. C. D. J., Matsukura, T. S., & Scherer, M. J. (2017). Cross-cultural adaptation of the assistive technology device–Predisposition assessment (ATD PA) for use in Brazil (ATD PA Br). *Disability and rehabilitation: assistive technology*, 12(2), 160-164.

Aragão, J. (2013). Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. *Revista práxis*, 3(6), 59-62.

Arantes, A., Martins, F., & Sarmento, P. (2012). Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. *Motricidade*, 8(Supl. 2), 916-924.

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2015). Disponível em: <http://www.abep.org/>.

Barrozo, A. F., Hara, A. C. P., Vianna, D. C., de Oliveira, J., Khoury, L. P., Silva, P. L. et al. (2018). Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. *Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento*, 12(2).

Carvalho, K. E. C. D., Júnior, G., Bolívar, M., & Sá, K. N. (2014). Translation and validation of the Quebec user evaluation of satisfaction with assistive technology (QUEST 2.0) into Portuguese. *Revista brasileira de reumatologia*, 54(4), 260-267.

Toledo, C. A. W., Pereira, C. H. C. N., Vinhaes, M. M., Lopes, M. I. R., & Nogueira, M. A. R. J. (2015). Perfil epidemiológico de crianças diagnosticadas com paralisia cerebral atendidas no Centro de Reabilitação Lucy Montoro de São José dos Campos. *Acta Fisiátrica*, 22(3), 118-122.

Sabato, T. M., Watch, T. J., & Caine, D.J.(2016) O Atleta Jovem de Elite: Estratégias para Assegurar a Saúde Física e Emocional. *Journal of Sports Medicine*. 15(1), 99-113.

Coates, J., & Vickerman, P. B. (2016). Paralympic legacy: exploring the impact of the games on the perceptions of young people with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 33(4), 338-357.

Coffito. Resolução nº 495 de 18 de dezembro de 2017- Disciplina a Atuação Profissional da Terapia Ocupacional no Desporto e Paradesporto e dá outras providências. Julho, 2018;141-142.

Côté-Leclerc, F., Duchesne, G. B., Bolduc, P., Gélinas-Lafrenière, A., Santerre, C., Desrosiers, J., & Levasseur, M. (2017). How does playing adapted sports affect quality of life of people with mobility limitations? Results from a mixed-method sequential explanatory study. *Health and quality of life outcomes*, 15(1), 1-8.

Farias, N., & Buchalla, C. M. (2005) A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas. *Revista Brasileira de epidemiologia*, 8(2),187-193.

Galvão Filho, T. A. (2009). A Tecnologia Assistiva: de que se trata. In: Machado, G. J. C., & Sobral, M. N. (Orgs.). *Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade*. (pp. 207-235). Porto Alegre: Redes Editora.

Huri, M. (Ed.). (2017). *Occupational Therapy: Occupation Focused Holistic Practice in Rehabilitation*. BoD–Books on Demand.

Jaarsma, E. A., Dijkstra, P. U., Geertzen, J. H. B., & Dekker, R. (2014). Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 24(6), 871-881.

Lago, T. M., & Amorim, A. (2008). O Basquete em cadeiras de Rodas com papel de inclusão e Integração dos Portadores de Deficiência. *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana*, 2(2), 1-10.

Lankhorst, K., Ende-Kastelijn, K. V., Groot, J., Zwinkels, M., Verschuren, O., Backx, F, et al (2015). Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability. SpringerPlus, 4(796), 1-10.

Marques, M. P. (2017). Caracterização dos fatores ambientais no para esporte segundo o raciocínio clínico da CIF: a tecnologia assistiva, fatores pessoais, sociais e desempenho. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília.

McKay, C., Block, M., & Park, J. Y. (2015). The impact of Paralympic School Day on student attitudes toward inclusion in physical education. Adapted physical activity quarterly, 32(4), 331-348.

Panagiotou, A. K., Evaggelinou, C., Doulkeridou, A., Mouratidou, K., & Koidou, E. (2008). Attitudes Of 5 Th And 6 Th Grade Greek Students Toward The Inclusion Of Children With Disabilities In Physical Education Classes After A Paralympic Education Program. European Journal of Adapted Physical Activity, 1(2), 31-43.

Reis, N. S., Athayde, P. F. A., Nascimento, E. L., & Mascarenhas, F. (2015). Programa de formação esportiva na escola—Atleta na Escola: fundamentos lógicos e circunstâncias históricas. Motrivivência, 27(44), 190-206.

Reis, R. (2014). *Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade do Paraná, Curitiba.

Santos, T. V. D., Moreira, M. C. N., & Gomes, R. (2016). Quando a participação de crianças e jovens com deficiência não se resume à atividade: um estudo bibliográfico. Ciência & Saúde Coletiva, 21(10), 3111-3120.

Silva, A. J., Duarte, E., & Almeida, J. J. G. (2011). Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física. Movimento, 17(2), 37-55.

Soares, V. L., & Blascovi-Assis, S. M. (2018). A atividade esportiva e sua influência na imagem corporal do adolescente com deficiência física: um estudo de dois casos. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, 11(1), 78-88.

Xafopoulos, G., Kudláček, M., & Evaggelinou, C. (2009). Effect of the intervention program “Paralympic School Day” on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. Gymnica, 39(4), 63-71.

4.3 Estudo 3 - Correlação dos fatores pessoais, políticas públicas, ambiente e tecnologia assistiva na participação de adolescentes com deficiência que praticam esportes de competição.

MÉTODO

Local

A pesquisa foi realizada na Associação de centro de treinamento de educação física especial (CETEFE), local de prática de esportes adaptados. A Associação do centro de treinamento de educação física especial tem como objetivo promover a inclusão social através do esporte para pessoas com deficiência, os seguimentos esportivos existentes são: esporte educacional, esporte de participação e esporte de rendimento. Além disso, o CETEFE conta com uma equipe de profissionais especializados para atender essa população. O CETEFE tem uma natureza assistencial e não busca fins lucrativos, reconhecida pelo poder público, a associação é de grande importância, pois, traz para a região assistência social com prestação de serviços gratuitos, contínuos e planejados para pessoas com deficiência, trazendo novas oportunidades a indivíduos de várias cidades do Distrito Federal.

Participantes

A amostra foi composta por adolescentes de 13 a 18 anos de idade completos que estavam cadastrados nas modalidades oferecidas pelo CETEFE. Participaram da amostra 16 adolescentes.

Instrumentos

Para cada fator ambiental foi utilizado um instrumento de investigação:

- Investigação da classificação social: Critério de Classificação Econômica Brasil (ANEXO A).

Foi utilizada para caracterizar a população analisada quanto ao poder aquisitivo. O Critério de Classificação Econômica Brasil, é um questionário sociodemográfico, que pretende estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A pesquisa consiste em perguntas sobre os principais itens mobiliários presentes na casa do usuário, sendo pontuado de acordo com a quantidade em 1, 2, 3 ou 4+; além disso avalia o grau de instrução do chefe da família. Poderá ser respondida pelo responsável ou pelo jovem participante. O instrumento utilizado para colher

os dados divide as classes sociais em A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E, de acordo com o poder aquisitivo baseado na renda mensal familiar, essa divisão está descrita no quadro 1:

Quadro 1- Classificação social de acordo com Critério de Classificação Econômica Brasil, Brasília, 2019.

REFERÊNCIA DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL		
CLASSE	PONTOS	RENDA MÉDIA FAMILIAR
A1	42 a 46	14.366
A2	35 a 41	8.099
B1	29 a 34	4.558
B2	23 a 28	2.327
C1	18 a 22	1.391
C2	14 a 17	933
D	8 a 13	618
E	0 a 7	403

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

- Investigação sobre políticas públicas, ambiente, apoio e relacionamento, atitudes e fatores pessoais: Questionário do usuário (APÊNDICE A).

Consiste em um questionário desenvolvido pelo pesquisador, que tem por objetivo caracterizar os participantes a partir dos principais dados de identificação como: nome, idade, sexo, raça, tempo de prática do esporte, modalidade e outros. Além disso, contemplou questões que não estão nos instrumentos padronizados como: a participação no esporte no último ano; fatores ambientais como o Ambiente natural e mudanças ambientais feitas pelo homem e; conhecimento e acesso as políticas públicas. O questionário avalia essas questões de maneira objetiva, com opções como sim ou não, e que foram respondidas pelo jovem participante.

- Avaliação dos fatores pessoais, atitudes, apoio e relacionamento e, Tecnologia Assistiva: Avaliação de predisposição para o uso de recurso de tecnologia Assistiva (ATDPA) (ANEXOS B e C).

Essa avaliação foi utilizada para identificar fatores para indicação ou acompanhamento do uso de tecnologia assistiva pelos usuários e os fatores pessoais relacionados ao apoio, relacionamento e atitudes dos usuários. Tem como base o modelo trazido por Scherer et al. (2005), chamado Matching Person and Thechnology (MPT).

Esse modelo sugere que algumas áreas interferem no bom uso da tecnologia assistiva como: i) fatores psicossociais, ii) fatores do ambiente em que a tecnologia assistiva será usada;

iii) fatores específicos do uso de tecnologia. A ATDPA foi desenvolvida para profissionais de reabilitação que busquem ajudar pessoas a selecionar novas tecnologias (ALVES, 2017).

Foram utilizados para esta pesquisa os formulários do Cliente e do dispositivo. O formulário do cliente consiste em uma investigação sobre a pessoa composto por três seções A, B e C. As seções contemplam 54 itens que tem o objetivo de investigar a percepção e a satisfação subjetiva do consumidor no que se refere às suas realizações atuais em várias áreas funcionais. A sessão A avalia as habilidades do usuário e as prioridades do consumidor em relação a TA, composta por nove itens. A sessão B avalia a prioridade do consumidor nos aspectos de vida em que deseja mudanças positivas. E, a sessão C avalia o perfil do consumidor e características psicossociais.

O formulário do dispositivo contempla itens que buscam informações sobre as expectativas dos usuários quanto ao uso da TA. Podem ser avaliados até três dispositivos ao mesmo tempo. O score das avaliações consiste na soma das pontuações de cada item avaliado, tendo número máximo de 60, sendo que, quanto maior o número, mais útil é a tecnologia e mais satisfeito está o usuário. Esse formulário foi respondido pelos participantes.

- Investigação da TA e Serviços: Avaliação da satisfação do usuário com a Tecnologia Assistiva de QuebecB (QUEST 2.0) (ANEXO D).

Essa avaliação é importante para investigar a tecnologia assistiva no meio do esporte, os fatores negativos e positivos relacionados ao uso e abandono dessa tecnologia. Foi aplicada com os adolescentes ou com o cuidador quando os usuários não entenderam os questionários. A avaliação QUEST 2.0 é utilizada com o objetivo de avaliar o grau de satisfação dos usuários com relação ao uso de TA em vários aspectos.

O questionário consiste de 12 itens de satisfação, para cada um dos 12 itens utiliza-se uma escala de 0 a 5 da seguinte forma: 1 – Insatisfeito; 2 - Pouco satisfeito; 3 – Mais ou menos satisfeito; 4 – Bastante satisfeito; 5 – Totalmente satisfeito. O score a ser avaliado consiste na soma dos scores de respostas validadas dos 12 itens e em seguida se divide o resultado obtido pelo número de itens válidos. Dessa forma é possível entender e justificar o uso dessa tecnologia. A QUEST 2.0 foi primeiramente desenvolvida nos idiomas português e inglês no Canadá, essa é uma forma de tradução validada no Brasil para o uso de profissionais de reabilitação (CARVALHO; GOIS JÚNIOR; SÁ, 2014). Foi respondida pelo jovem participante. Os escores das subescalas em cada domínio são calculados pela soma das respostas válidas e pela divisão do resultado obtido pelo número de itens de cada subescala.

Procedimento de coleta de dados

Foi realizada uma consulta prévia no banco de dados do CETEFE onde foram verificadas informações como: usuários ativos, modalidades, idades, horários das modalidades e outras de acordo com as necessidades da pesquisa. Os esportes que foram selecionados, de acordo com a amostra, são: natação, tênis de cadeira de rodas, bocha, futebol de 7 e tiro com arco.

A amostra foi composta por 16 adolescentes. Foram excluídos os participantes que não completaram as avaliações durante a vigência do estudo e não estavam frequentando o esporte no qual estava cadastrado no momento da coleta.

Todas as modalidades que tinham possibilidade de competição escolar foram incluídas e visitadas previamente. As entrevistas e avaliações foram agendadas de acordo com o horário de treino dos adolescentes, de modo a facilitar o encontro.

A coleta de dados do estudo foi feita de forma objetiva, onde o pesquisador aplicou as avaliações e questionários diretamente com o usuário nos dias dos próprios treinos de cada esporte. A avaliação consistiu na aplicação dos quatro instrumentos de pesquisa de modo a avaliar e identificar de maneira completa os objetivos elencados pelo trabalho. O tempo estimado de cada coleta foi de 30 minutos, além disso, para facilitar o entendimento dos adolescentes atletas, as perguntas foram realizadas de maneira simplificada e envolvendo o contexto e o esporte praticado e, quando necessário, foi permitido o auxílio pelo responsável.

A pesquisa foi aceita pelo Comitê de ética em pesquisa da faculdade de Ceilândia (CEP/FCE), parecer número: 2.986.928 (ANEXO E). Posteriormente, a população foi esclarecida sobre o objetivo e a importância do estudo e, em seguida, convidada a participar da amostra, uma vez aceitando participar, foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B) para os responsáveis e um termo de assentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C) para os adolescentes e. As demandas que surgiram no decorrer da pesquisa foram encaminhadas ao devido serviço de saúde competente.

Os participantes foram esclarecidos dos respectivos instrumentos que foram utilizados e sobre a relevância da temática. Foi informado também que os participantes não teriam nenhuma despesa ou custo, sendo que o pesquisador arcou com as despesas da pesquisa, que incluíram transporte e demais materiais.

Tanto os adolescentes quanto os respectivos responsáveis foram informados que os instrumentos de pesquisa são confiáveis. Para os responsáveis foram entregues o termo de consentimento livre e esclarecido, já para os adolescentes foram entregues os termos de

assentimento. Nos respectivos termos, foram esclarecidos todos os benefícios e riscos que poderiam acontecer ao decorrer da pesquisa.

Análise dos dados

Os dados foram analisados por tabela de frequência e porcentagem. A análise de dados foi feita a partir de estatística descritiva, onde o pesquisador descreve como se comportam suas variáveis. Foi realizada também, estatística de correlação de modo a entender o comportamento das variáveis em conjunto, como no teste de correlação de Spearman. Além disso, as variáveis foram descritas por meio de gráficos e tabelas com os resultados dos questionários, o que permitiu conhecer as características das distribuições de dados. Foi realizada também a média dos dados obtidos para representar a população. A partir dos dados obtidos foram levantados os pontos mais importantes comuns para os indivíduos na amostra que serão discutidas posteriormente.

Já os dados advindos da correlação das variáveis (nível social, satisfação com a TA, fatores pessoais e os fatores ambientais) foram analisados através de estatística de correlação de modo a compreender a relação entre as variáveis encontradas.

Para análise da participação no esporte foi utilizados seis itens da sessão B da avaliação ATDPA. Os itens foram avaliados de acordo com o nível de satisfação do participante sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito. Os seis itens escolhidos foram: a) conforto físico e bem-estar/satisfação; b) liberdade de ir aonde desejar; c) participação em atividades desejadas; d) condição profissional/potencial; e) Autonomia e autodeterminação (escolha) e; f) fazer parte, pertencer, sentir-se conectado.

Para a análise das políticas públicas foi avaliado 3 itens onde os adolescentes poderiam responder sim ou não para cada pergunta, se o participante respondesse que sim pontuava 1 ponto e se não pontuava 0. O resultado dos itens podia variar de 0 (não conhece nenhuma política) a 3 (conhece muitas políticas). Os itens avaliados foram: 1) “Você conhece algum auxílio financeiro, ou equipamentos gratuitos fornecidos pelo governo voltados para o apoio ao esporte para a pessoa com deficiência?”; 2) “Você conhece algum programa do governo que forneça gratuitamente Tecnologia Assistiva?” e; 3) “Você atualmente utiliza ou já utilizou algum desses programas?”.

Para a análise do apoio e relacionamentos foram utilizados itens do questionário padronizado ATDPA, seção C, e alguns itens do questionário elaborado pelo autor, sendo que a junção dos itens poderia se obter o resultado de 0 a 5, variando de totalmente sem apoio (0) até apoio além do esperado (5). Da ATDPA foram utilizados os seguintes itens: 1) “Eu me sinto

encorajado por meus terapeutas/cuidadores”; 2) “Eu tenho o apoio que quero da minha família” e; 3) “Eu sinto que em geral as pessoas me aceitam”. Nessa seção, os adolescentes deveriam marcar as alternativas que os descrevessem, se o participante marcasse o item obtinha pontuação 1, e se não marcasse o item seria pontuado em 0. Já os itens advindos do questionário do autor foram: 1) “Você fez algum amigo durante os treinos?”; 2) “Alguns profissionais da saúde te apoia na prática esportiva?”. Nesses itens, o adolescente poderia marcar que sim ou que não para cada uma das alternativas, sendo que para resposta sim se pontuou 1, e para resposta não pontuou-se 0.

Para a análise das atitudes foram utilizados itens do questionário padronizado ATDPA, seção C, e alguns itens do questionário elaborado pelo autor, sendo que a junção dos itens poderia se obter o resultado de 0 a 5, variando de totalmente sem atitude (0) a muita atitude (5). Da ATDPA foram utilizados os seguintes itens: 1) “Eu tenho capacidade para resolver situações”; 2) “Eu sou responsável/confiável” e; 3) “Eu estou determinado a cumprir meus objetivos”. Nessa seção, os adolescentes deveriam marcar as alternativas que os descrevessem, se o participante marcasse o item seria pontuado 1, e se não marcasse o item teria pontuação 0. Já os itens advindos do questionário do autor foram: 1) “Você teve a ideia de praticar esse esporte?” e; 2) “Você gostaria de competir profissionalmente?”. Nesses itens, o adolescente poderia marcar que sim ou que não para cada uma das alternativas, sendo que para cada resposta sim se pontuava 1, e para resposta não a pontuação era 0.

Para análise do ambiente utilizou-se sete itens do questionário elaborado pelo autor. Para cada item, os participantes poderiam marcar sim ou não, sendo pontuado 0 ou 1 para cada resposta. Os itens avaliados foram: 1) “Existe alguma facilidade no transporte para você chegar ao local dos treinos?”; 2) “Existe alguma dificuldade no transporte para você chegar ao local dos treinos?”; 3) “Existe alguma facilidade no trajeto para você chegar ao local dos treinos?”; 4) “Existe alguma dificuldade no trajeto para você chegar ao local dos treinos?”; 5) “Existe alguma facilidade no local dos treinos?”; 6) “Existe alguma dificuldade no local dos treinos?” e; 7) “Você tem dificuldade de utilizar algum equipamento do ambiente onde você treina?”. Os resultados obtidos poderiam variar de 0 a 7, sendo 0 muito inacessível e 7 acessibilidade acima do esperado.

Para análise da tecnologia assistiva foi utilizada a sessão 1 da avaliação padronizada QUEST 2.0, onde foi avaliado o grau de satisfação do usuário com sua tecnologia assistiva. Foram avaliados 7 itens de satisfação sendo eles: dimensão, peso, facilidade de ajustar, estabilidade, durabilidade, facilidade de uso e conforto. Em cada item o participante pode

marcar de 1 a 5 sendo 1 muito insatisfeito e 5 totalmente satisfeito. Ao final o score foi obtido através da média dos resultados.

RESULTADOS

Os resultados do estudo foram obtidos através de frequência e correlação de variáveis e foram explicados por meio de gráficos, quadros e tabelas, além disso, para serem melhor apresentados os dados foram divididos em seis grupos temáticos de acordo com os fatores pessoais e ambientais descritos na CIF, sendo eles: a) Caracterização da população analisada; b) Apoio e relacionamentos; c) Ambiente natural e mudanças feitas pelo homem; d) Produto e tecnologia; e) Sistemas, serviços e políticas e; f) Atitudes.

Para verificar a normalidade dos dados foi utilizado o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov (quadro 2), que indica que os dados não têm uma distribuição normal padrão, dessa forma a análise foi pautada em um estudo não paramétrico. Em seguida foi utilizada a média dos scores dos fatores ambientais analisados. Também foi utilizado, para correlacionar as variáveis, o teste de correção de Serman sendo correlacionados todos os fatores ambientais com a participação esportiva.

Quadro 2 - Teste de normalidade, Brasília, 2019.

	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Statistic	Df	Sig.
Participação	,215	16	,047
TA	,344	16	,000
Ambiente	,236	16	,018
Atitude	,302	16	,000
ApoioeRel	,239	16	,015
Políticas	,383	16	,000

Fonte: Desenvolvida pelo autor

Tabela 1- Média dos Fatores Ambientais, Brasília, 2019.

Médias dos fatores ambientais						
	Participação	TA	Ambiente	Atitude	ApoioeRel	Políticas
Mean	4,188	3,600	4,25	3,88	4,06	2,06
N	16	16	16	16	16	16
Std. Deviation	1,0645	1,6765	1,291	,957	,854	1,340

Fonte: Desenvolvida pelo autor

A) Caracterização dos adolescentes

De acordo com os resultados encontrados doze participantes eram do sexo masculino e apenas quatro eram do sexo feminino. O diagnóstico predominante foi de onze participantes com paralisia cerebral, seguida por dois com deficiências congênitas, um com deficiência visual e um com lesão medular (Tabela 2).

Tabela 2– Perfil dos participantes considerando sexo, tipo de deficiência, modalidade esportiva e município, Brasília, 2019.

Participantes	Classe	Sexo	Diagnóstico	Modalidade	Cidade
P1	A2	Feminino	Lesão medular	Tênis	Águas Claras
P2	B2	Masculino	Deficiência Congênita	Natação	Ceilândia
P3	B2	Feminino	Paralisia Cerebral	Bocha	Sobradinho
P4	B2	Feminino	Deficiência Congênita	Natação	Gama
P5	B2	Feminino	Deficiência Congênita	Natação	Ceilândia
P6	B2	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Brasilândia
P7	B2	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Ocidental
P8	C1	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Valparaíso
P9	C1	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Ocidental
P10	B1	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Águas Claras
P11	C1	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Planaltina
P12	B2	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Taguatinga
P13	C1	Masculino	Paralisia Cerebral	Futebol de 7	Ceilândia
P14	A2	Masculino	Deficiência Visual	Bocha	Santa Maria
P15	B1	Masculino	Paralisia Cerebral	Bocha	Taguatinga
P16	B1	Masculino	Paralisia Cerebral	Natação	Águas Claras

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

Dentre as modalidades praticadas pelos participantes, oito eram do futebol de 7, três de bocha, três de natação e apenas um de tênis. No que diz respeito à classe social dos atletas, sete eram pertencentes à classe B2, quatro da classe C1, três da classe B1 e dois da classe A2. No que diz respeito à cidade dos adolescentes pode-se dizer que o perfil de localidade era muito diversificado, sendo que três residiam na cidade de Ceilândia, dois em Taguatinga, dois em Águas Claras, dois na Cidade Ocidental, dois em Valparaíso, um em Sobradinho e um em Brasilândia.

b) Apoio e relacionamentos

De acordo com os resultados encontrados podemos afirmar que 69% dos participantes estavam acompanhados do pai ou da mãe no trajeto para os treinos e durante toda a prática esportiva. E apenas 31% iam de maneira independente para os treinos. Isto pode ser verificado no gráfico 1.

Gráfico 1- Acompanhamento nos treinos integralmente por pais e responsáveis, Brasília, 2019.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O score médio foi de 4,06, o que indica que os participantes têm muito apoio de familiares e pessoas próximas quando relacionado à prática esportiva, isso pode ser verificado na tabela 1. Como podemos ver na Tabela 3, de acordo com o teste de correlação de Spearman, a relação entre as variáveis, apoio e relacionamento e participação no esporte demonstra não haver correlação (-0,515).

Tabela 3 – Teste de correlação de Spearman – Participação e Apoio e Relacionamento, Brasília, 2019.

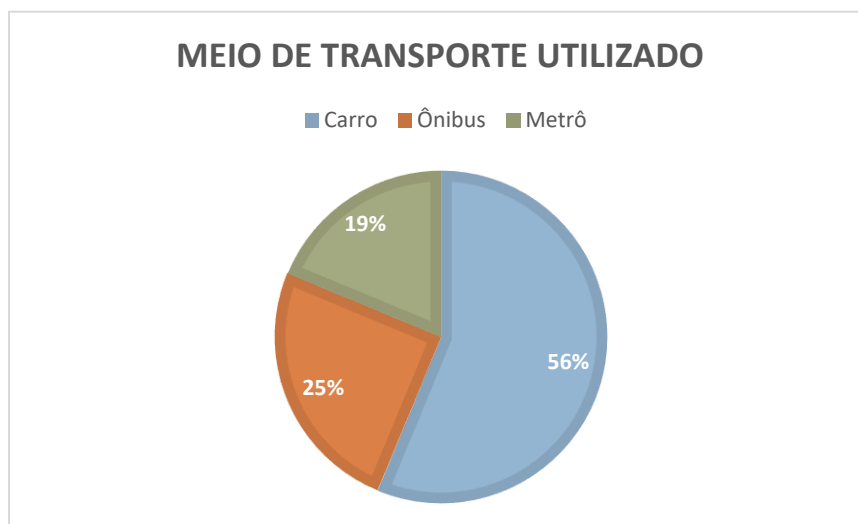
Teste de correlação		Participação	Apoio e Relacionamento
Spearman's rho	Participação	Correlation Coefficient	1,000
		Sig. (2-tailed)	.
		N	16
	ApoioeRel	Correlation Coefficient	-,515*
		Sig. (2-tailed)	,041
		N	16

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

c) Ambiente natural e mudanças feitas pelo homem:

Como outra grande dificuldade enfrentada no trajeto para chegar ao local dos treinos foi a grande quantidade de equipamentos utilizados para a prática esportiva, relatado por quatro adolescentes, 100% dos adolescentes relataram que não sentem necessidade de auxílio para colocar equipamentos e acessórios, de forma que os adolescentes precisavam do apoio de terceiros. No que se refere ao meio de transporte, 56% dos adolescentes compareciam aos treinos de carro, porém, nenhum era adaptado para pessoas com deficiência, 25% utilizavam ônibus para ir os treinos, sendo unânime a falta de acessibilidade nesse meio de transporte e, 19% dos participantes compareciam aos treinos de metrô, onde a maior dificuldade enfrentada foi a superlotação. A frequência dos dados acima citados pode ser verificada no gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2- Principais meios de transporte utilizados, Brasília, 2019.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O score médio foi de 4,25 o que indica que os participantes têm um ambiente acessível para realizar a prática esportiva, isso pode ser verificado na tabela 4. Como podemos ver na tabela 3, de acordo com o teste de correlação de Spermann, a relação entre a variável ambiente e participação no esporte demonstra correlação forte (0,636). Pode-se inferir a partir dos resultados encontrados que um ambiente adequado e acessível pode funcionar como um facilitador na prática esportiva de adolescentes com deficiência.

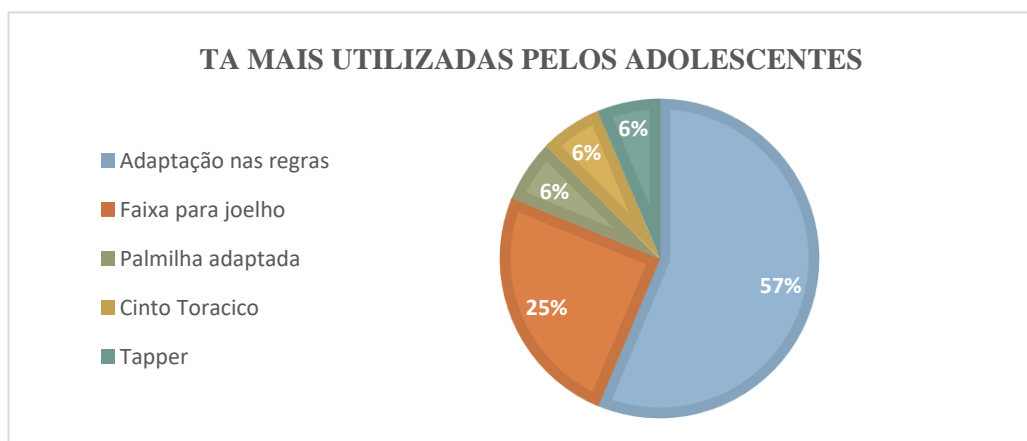
Tabela 4– Teste de correlação de Spearman - Participação e ambiente, Brasília, 2019.

Teste de correlação		Participação	Ambiente	
Spearman's rho	Participação	Correlation Coefficient	1,000	
		Sig. (2-tailed)	.	
		N	16	
	Ambiente	Correlation Coefficient	,636**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,008	.
		N	16	16

Fonte: Desenvolvido pelo autor

d) Produto e tecnologia:

De acordo com o resultado dos instrumentos 57% utilizam apenas adaptação nas regras para garantir sua participação no esporte, seguido pela faixa para o joelho que foi citada por 25% dos adolescentes. Isso pode ser verificado no gráfico 3.

Gráfico 3 - Principais tecnologias assistivas utilizadas pelos participantes, Brasília, 2019.

Fonte: Desenvolvido pelo autor

O score médio foi de 3,6 o que indica que os participantes estão mais ou menos satisfeitos com a TA que utilizam para realizar a prática esportiva, isso pode ser verificado na tabela 1. Como podemos ver na tabela 5, de acordo com o teste de correlação de Spermann a variável TA e participação no esporte demonstram ter uma correlação forte (0,796). Dessa forma pode-se inferir que o uso de TA pode funcionar como um facilitador no participação esportiva de adolescentes com deficiência.

Tabela 5 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Tecnologia assistiva, Brasília, 2019.

Teste de correlação		Participação	TA	
Spearman's rho	Participação	Correlation Coefficient	1,000	,796**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	16	16
	TA	Correlation Coefficient	,796**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	16	16

Fonte: Desenvolvido pelo autor

e) Sistemas, serviços e políticas:

Verificou-se que seis dos nove usuários participantes não conheciam e não utilizavam nenhuma política pública voltada para o esporte ou tecnologias assistivas. Dentre as identificadas estavam: Bolsa Atleta (auxílio mensal), auxílios deslocamento para competições, e outros provenientes da secretaria de esportes. Embora não se enquadrem em políticas públicas, um usuário recebe patrocínio de uma empresa de cadeira de rodas.

O score médio foi de 1,81 o que indica que os participantes conhecem algumas políticas. Como podemos ver na tabela 6, de acordo com o teste de correlação de Spearman, a relação entre a variável, políticas e participação no esporte, demonstra uma correlação regular (0,565). Pode-se inferir a partir dos resultados encontrados que apenas uma parcela dos adolescentes conhecia políticas públicas e que a mesma poderia funcionar como facilitador se fossem mais conhecidas.

Tabela 6 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Políticas públicas, Brasília, 2019.

Teste de correlação		Participação	Políticas	
Spearman's rho	Participação	Correlation Coefficient	1,000	,565*
		Sig. (2-tailed)	.	,023
		N	16	16
	Políticas	Correlation Coefficient	,565*	1,000
		Sig. (2-tailed)	,023	.
		N	16	16

Fonte: Desenvolvido pelo autor

f) Atitudes

No quadro amostral, 95% dos adolescentes relataram que gostariam de se dedicar para competir profissionalmente e apenas 5% não demonstraram interesse, de forma a encarar o esporte apenas como lazer. Apenas 5% dos adolescentes tiveram a iniciativa de iniciar a prática esportiva, enquanto 95% foram incentivados por terceiras pessoas como: familiares, terapeutas e amigos.

O score médio foi de 0,565 o que indica que os participantes têm atitudes regulares frente a independência na prática esportiva, isso pode ser verificado na tabela 6. Como podemos ver na Tabela 7, de acordo com o teste de correlação de Spearman, a relação entre a variável atitude e participação no esporte demonstra haver correlação regular (0,401).

Tabela 7 - Teste de correlação de Spearman – Participação e Atitudes, Brasília, 2019.

Teste de Correlação		Participação	Atitude	
Spearman's rho	Participação	Correlation Coefficient	1,000	,401
		Sig. (2-tailed)	.	,123
		N	16	16
	Atitude	Correlation Coefficient	,401	1,000
		Sig. (2-tailed)	,123	.
		N	16	16

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Os resultados dessa pesquisa demonstram a relação entre os fatores ambientais e desportivos, nota-se que esses fatores oscilam sendo que nem todos têm forte correlação. Nos fatores ambientais, que tiveram correlação regular a forte, podemos perceber que eles funcionaram tanto como barreira quanto como facilitadores, necessitando assim de atenção as barreiras que foram identificadas.

Vale ressaltar também os desafios enfrentados na coleta com a população alvo deste estudo que limitaram as coletas como: as diferentes localizações e cidades dos treinos; a falta de assiduidade nos treinos, por motivos pessoais ou por competição fora do estado; e pelo esquecimento das assinaturas do TCLE no dia marcado pelos pesquisadores.

Como podemos perceber nos resultados, a população da amostra é predominantemente masculina. É cultural que homens se interessem mais por esporte que mulheres, dessa forma

acabam por ter mais oportunidades de participação. Sabato, Walch e Caine (2016) relatam que, realmente que o público feminino costuma participar menos de atividades desportivas, mas que este é um cenário que pode ser mudado.

Quanto aos diagnósticos, segundo os resultados encontrados a paralisia cerebral foi predominante, sendo 11 de 16 participantes, porém devemos levar em consideração que o esporte futebol de 7, no local da pesquisa, é voltado ao público com paralisia cerebral. Quando pensamos nas modalidades praticadas percebemos que o futebol de 7 é a mais encontrada, porém, podemos entender também que é a atividade que talvez seja a menos complexa e que os participantes tenham menor grau de comprometimento. Outras modalidades, talvez mais complexas, como tênis de cadeiras de rodas e natação, apresentam menor participação na amostra.

Já com relação à classe social dos atletas, sete dos 16 participantes eram da classe social baixa (B2), e todos estes moravam em cidades periféricas do DF. Segundo dados do perfil da pessoa com deficiência (AMARAL et al., 2012), a maior parcela da população está concentrada nas classes sociais mais baixas, e moram em cidades periféricas como Taguatinga, Ceilândia e Brasilândia.

Visto isso, percebe-se que as pessoas com deficiência estão encaixadas em duas minorias sociais simultaneamente, a classe baixa e a própria condição de deficiência, obtendo mais dificuldades e menos oportunidades. Pensando nisso vale a pena citar a Lei de inclusão da pessoa com deficiência, que assegura como direito desses indivíduos a participação em atividades recreativas, de esporte e de lazer, permitindo a igualdade de condições com as outras pessoas.

Porém, Amaral et al. (2012), relatam que pela dificuldade de locomoção e de acessibilidade aos serviços de lazer e esportes, as pessoas com deficiência acabam por ter uma vida social restrita à socialização familiar, com limitações para se inserir nos demais grupos sociais. Dessa forma, muitas vezes acontece a condição de isolamento social.

Figueiredo, Mancini e Brandão (2018), relatam em seu estudo alguns dos fatores pessoais que podem influenciar essa prática esportiva, como o tipo de deficiência, a idade, e a situação financeira. De acordo com os resultados encontrados não houve correlação no que diz respeito a apoio e relacionamento, dessa forma, entende-se que a quantidade de apoio recebida pela família e amigos próximos não influenciou na participação dos adolescentes no esporte.

Já Brazuna e Castro (2001) entendem que a quantidade de apoio recebido, principalmente da família, é importante no desenvolvimento da identidade e autoestima dos adolescentes, o que influencia em uma aceitação positiva ao esporte e aumento de seu

empoderamento e independência nesse contexto. Cardoso (2011) em seu estudo com o objetivo de determinar os principais motivos pelos quais pessoas com deficiência continuam competindo, verificaram que não só o apoio familiar é importante nesse contexto, mas também o apoio dos professores e treinadores. No estudo em questão, 90% dos participantes consideraram que esse apoio é determinante para continuar realizando a prática esportiva.

Considerando ainda apoio e relacionamento, Bloemen et al. (2015) relataram que o apoio familiar e de pessoas próximas quando relacionado ao esporte pode funcionar tanto como barreira quanto como facilitador. Como facilitador, quando a família e os amigos incentivam os adolescentes, e como barreira, quando há a falta de aceitação, apoio e incentivo às atitudes e escolhas dos adolescentes.

Como foi verificado, há uma correlação forte entre participação esportiva e ambiente, isso corrobora com os estudos como o de Soares et al. (2015) que relatam que um dos fatores que determinam a participação de pessoas com deficiência é o ambiente adequado. Em sua pesquisa, verificaram que atualmente não existem muitos ginásios adaptados, tão pouco a acessibilidade necessária nesses locais. Feitosa et al. (2017) confirma as dificuldades encontradas no esporte pela falta de acessibilidade. Dessa forma, podemos perceber que uma quantidade restrita de adolescentes tem acesso a um ambiente adequado. Porém, como foi verificado neste estudo, os dados desta pesquisa demonstram que o contexto avaliado era acessível, referência na localidade, recebendo apenas o público com deficiência, demonstrando que o ambiente quando adequado funciona como facilitador.

No que se refere a TA, embora haja forte correlação (0,796) com participação esportiva, os participantes estavam mais ou menos satisfeitos com a TA que utilizavam, sendo que a maioria utilizava apenas adaptações nas regras e métodos. Os que utilizavam materiais específicos, como faixas de joelho e cinto pélvico, foram confeccionados pelos próprios adolescentes ou familiares, sendo adaptados muitas vezes de forma inadequada. Dessa forma, se vê a necessidade de profissionais específicos habilitados para a prescrição, confecção, adaptação e treino desses dispositivos. Profissionais como engenheiros, fisioterapeutas e médicos são importantes nesse processo de implementação de TA.

Strapasson e Duarte (2006), em seu estudo sobre o esporte *polybat*, identificaram algumas adaptações para o jovem com deficiência como: mudanças nas regras, adaptação na forma de segurar a raquete e possibilidade de utilização da cadeira de rodas. Essas adaptações, assim como neste estudo, permitiram a melhor participação dos paratletas.

De acordo com os resultados encontrados, no que diz respeito a correlação entre as políticas e serviços e a participação no paraesporte, encontramos uma correlação regular

(0.565), dessa forma percebe-se que há ainda uma quantidade muito restrita de apoio ao jovem paratleta. Como o estudo apresenta grande parte dos adolescentes nem mesmo conhecia as políticas nesse contexto, sendo que as únicas identificadas foram o auxílio deslocamento e bolsa atleta.

Isso pode ser visto também no estudo de Campeão (2011), que relata que pessoas com deficiências, atualmente, têm as mesmas políticas das pessoas sem deficiência, porém, quando observadas às limitações e especificidades desse público, essas políticas acabam por serem falhas, já que, os mesmos necessitam de mais adaptações, têm mais dificuldade na locomoção, dentre outras coisas. Reis (2014) também relata que atualmente não existe política nacional de esporte para pessoas com deficiência, sendo necessárias novas políticas para o desenvolvimento do esporte paralímpico.

No que diz respeito às atitudes, de acordo com os resultados encontrados ainda há pouca correlação entre atitudes e participação esportiva nesse contexto, a partir disso podemos refletir que a adolescência é uma fase conturbada de intensas mudanças, físicas, hormonais e psicológicas, é uma fase de amadurecimento, onde ainda não se tem certeza de suas ações (DARVIM et al., 2009). Isto se confirma quando observamos que o score médio relacionado a atitudes dos participantes é baixo. Por outro lado, em um estudo de Figueiredo, Manzini e Brandão quando os adolescentes têm atitudes positivas como autoconfiança e desejo de praticar, esse fator ambiental pode ser visto como um facilitador. Um exemplo disso, que pode ser levado em consideração, é que neste estudo quando questionados quanto ao desejo de competir, 95% dos participantes reataram que têm esse desejo.

5. CONCLUSÃO

Este estudo aponta para a necessidade de avançar em direção a estudos sobre a participação de adolescentes com deficiência no esporte, e não só a participação por si só, mais considerando que atividades como o esporte exigem muito mais que rendimento e performance, sendo necessária uma maior atenção ao contexto, levando em consideração os fatores pessoais e ambientais como: as vulnerabilidades da população, ambientes acessíveis e adequados, TA confeccionada e utilizada de maneira adequada, desejo de desenvolver habilidades, quantidade de apoio social e políticas públicas adequadas. O estudo demonstra que atualmente os fatores pessoais e ambientais em sua maioria funcionam muito mais como barreiras, dificultando assim a participação de pessoas com deficiência. Porém, com investimento e atenção para essa população há diversas possibilidades para que esses fatores no futuro se tornem facilitadores, de forma a existir de fato a inclusão efetiva das pessoas com deficiência.

Nota-se ainda, que são necessários estudos mais aprofundados sobre a temática com um grupo maior de participantes. Este estudo pode servir também como referência para novos estudos contribuindo para o conhecimento e compreensão da temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Cristina de Jesus. **Avaliação de tecnologia assistiva predisposição ao uso -ATD PA br: versão brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. 34 p.

AMARAL, Fabienne Louise Juvêncio dos Santos et al. Acessibilidade de pessoas com deficiência ou restrição permanente de mobilidade ao SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 17, n. 7, p.1833-1840, jul. 2012.

BATTISTELLA, Linamara Rizzo; BRITO, Christina May Moran de. International Classification of Functioning Disability and Health (ICF). **Acta Fisiátrica**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.98-101, ago. 2002.

BLOEMEN, Manon et al. Factors associated with physical activity in children and adolescents with a physical disability: a systematic review. **Developmental Medicine & Child Neurology**, v. 57, n. 2, p. 137-148, 2015.

BRACCIALLI, Lígia Maria P.; MANZINI, Eduardo José; REGANHAN, Walkiria Gonçalves. Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para a estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física. **Temas Sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n. 77, p.37-46, dez. 2004.

BRASIL. Congresso. Senado. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 06 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 23 jul. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Estatuto da Pessoa Com Deficiência**. Brasília, 2015.

BRASIL. Portaria nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, v. 76. Disponível em: <www.presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>. Acesso em: 24 jan. 2018.

BRAZUNA, Melissa Rodrigues; CASTRO, Eliane Mauerberg de. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 2, p.115-123, nov. 2001.

CAMPEÃO, Márcia da Silva. **O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidadedas práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção**. 2011. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de

Pós-graduação em Ciências / Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011. 176 p.

CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do esporte adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (impresso)**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.529-539, jun. 2011.

CARVALHO, Karla Emanuelle Cotias de; GOIS JÚNIOR, Miburge Bolívar; SÁ, Katia Nunes. Tradução e validação do Quebec User Evaluation of Satisfaction with Assistive Technology (QUEST 2.0) para o idioma português do Brasil. **Revista Brasileira de Reumatologia**, [s.l.], v. 54, n. 4, p.260-267, jul. 2014.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa et al. Adolescente/Adolescência: Revisão teórica sobre fase crítica da vida. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p.131-140, abr. 2009.

FEITOSA, Luzanira Correia et al. O efeito do esporte adaptado na qualidade de vida e no perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes com paralisia cerebral. **Revista Paulista de Pediatria**, [s.l.], v. 35, n. 4, p.429-435, dez. 2017.

FIGUEIREDO, Priscilla Rezende Pereira; MANCINI, Marisa Cotta; BRANDÃO, Marina de Brito. “Vai jogar?” Fatores que influenciam a participação de adolescentes com paralisia cerebral na educação física escolar. **Movimento (esfid/ufrgs)**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.801-814, 30 set. 2018.

JAARSMA, Eva A. et al. Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. **Scandinavian Journal Of Medicine & Science In Sports**, Groningen, v. 24, n. 6, p.871-881, dez. 2014.

LABRONICI, Rita Helena Duarte Dias et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, [s.l.], v. 58, n. 4, p.1092-1099, dez. 2000.

LANKHORST, Kristel et al. Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability. **Springerplus**, Bethesda, v. 4, n. 1, p.796-804, 22 dez. 2015.

NUBILA, Heloisa Brunow Ventura di; BUCHALLA, Cassia Maria. O papel das Classificações da OMS-CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.324-335, jun. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Cássia Maria Buchalla (Org.). 1ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 312 p.

SABATO, T. M; WATCH, T. J; CAINE, D.J. O Atleta Jovem de Elite: Estratégias para Assegurar a Saúde Física e Emocional. **Journal of Sports Medicine**, v.15, n. 1 p. 99-113, 2016.

REIS, Rafael Estevam. **Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SANTOS, Tatiana Vasconcelos dos; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; GOMES, Romeu. Quando a participação de crianças e adolescentes com deficiência não se resume à atividade: um estudo bibliográfico. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 10, p.3111-3120, out. 2016.

SCHERER, M. J. et al. Predictors of assistive technology use: the importance of personal and psychosocial factors.. **Disabil Rehabil.**, [s.l.], v. 27, n. 21, p.1321-1331, nov. 2005.

SILVA, Afonsa Janaína; DUARTE, Edison; ALMEIDA, José Julio Gavião. CAMPEONATO ESCOLAR E DEFICIÊNCIA VISUAL: O DISCURSO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento (esefid/ufrgs)**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.37-55, 17 jul. 2011.

SOARES, Victor Ruan Carvalho et al. Avaliação da acessibilidade em escolas municipais de Uberaba, MG. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.63-73, jun. 2015.

STRAPASSON, Aline Miranda; DUARTE, Edison. Proposta de ensino de polybat para pessoas com paralisia cerebral. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.165-175, dez. 2006.

TSUTSUMI, Olívia et al. Os benefícios da natação adaptada em indivíduos com lesões neurológicas. **Revista Neurociências**, Santo André, v. 12, n. 2, p.82-85, jun. 2004.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 39, n. 3, p.507-514, jun. 2005.

APÊNDICE A – Questionário do usuário



Caracterização

Nome: _____ Telefone: _____
 Idade: _____ Sexo: _____
 Data de nascimento: ___/___/___ Raça: _____
 Cidade: _____ Escolaridade: _____ Ano: _____
 Nome da escola: _____
 Diagnóstico: _____ Tempo da lesão: () menos de 1
 ano – () 1 a 5 anos – () 5 a 10 anos () acima de 10
 Responsável: _____ Profissão _____
 Modalidade esportiva: _____
 Tempo de pratica na modalidade: () menos de 1 ano – () 1 a 5 anos – () 5 a 10 anos () acima de 10

1- Participou de quantas Competições em um ano?

Quais? _____ Colocações (se houver): _____

ÁREA 1 – Políticas públicas

1- Você conhece algum auxílio financeiro (dinheiro), ou equipamentos gratuitos fornecidas pelo governo voltados para o apoio ao esporte do deficiente?

() sim () não

Qual (s)?

2- Você conhece algum programa do governo que forneça gratuitamente Tecnologias assistivas (TA's) ?

Ex: cadeiras de rodas, óculos, e qualquer equipamento que te auxilie na pratica do esporte.

() sim () não

Qual (s)?

3- Você utiliza ou já utilizou algum desses programas?

() Sim () Não

Qual?

ÁREA 2 – Apoio e relacionamento

1- Você fez algum amigo durante os treinos?

() sim () não.

2- Algum profissional te apoia na prática do esporte?

() Terapeuta ocupacional () Fisioterapeuta () Educador físico () Médico Outro: _____

ÁREA 3 – Atitudes

1- Quem teve a ideia de praticar o esporte?

() Eu () Familiares () Amigos () professores () outro _____.

2- Você gostaria de competir profissionalmente?

() Sim () Não () Talvez.

APÊNDICE A – Questionário do usuário (continuação)

ÁREA 4 – Tecnologias assistivas

1- Tecnologias assistivas que utiliza no esporte:

- () Adaptação nas regras do jogo () Adaptação de instrumentos utilizados para jogar
 () Cadeira de rodas adaptada () Ponteira () Cavalo () Adaptação no encosto () Adaptação no assento
 () Outro(s) _____

2- A TA facilita ou dificulta a prática do esporte que você pratica?

- () maior conforto () melhora o rendimento () Machuca () Difícil de carregar
 () outros _____

ÁREA 5 – Ambiente natural e mudanças feitas pelo homem

1- Que meio de transporte você utiliza para vir aos treinos?

- () Carro () Ônibus () Metrô () Outros. Quais? _____

2- Existe alguma facilidade no transporte para você chegar até o local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

3- Existe alguma dificuldade no transporte para você chegar até o local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

4- Existe alguma facilidade no trajeto para você chegar até o local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

5- Existe alguma dificuldade no trajeto para você chegar até o local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

6- Existe alguma facilidade no local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

7- Existe alguma dificuldade no local dos treinos?

- () não () sim. Qual?

8 – Você necessita de algum auxílio ou tem dificuldade de colocar sozinho os acessórios essenciais para a realização do treino? Ex: Roupa, luvas, sapatos e etc.

- () não () sim. Qual?

9- Você tem dificuldade de utilizar algum equipamento do ambiente onde você treina?

- () não () sim.

Qual?

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O jovem que você é responsável está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: **Investigação sobre os fatores ambientais e o paraesporte juvenil**. Esse é um projeto de mestrado do programa de pós-graduação em ciências da reabilitação da Universidade de Brasília. O pesquisador responsável por essa pesquisa é o Jonas Fernandes Carvalho sob a orientação da professora Ana Cristina de Jesus Alves. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.....da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, parecer número O objetivo desta pesquisa é conhecer as dificuldades e facilidades enfrentadas na prática da modalidade de seu filho, as competições que ele participa e itens que auxiliem ele na prática do esporte. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm entre 13 e 18 anos de idade. A participação é voluntária e você não precisa autorizar participação da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. Você poderá desistir de participar a qualquer momento sem riscos de ser penalizado no programa ou na instituição a qual pertence.

A pesquisa acontecerá em apenas **um encontro** e será realizada na **Associação de centro de treinamento de educação física especial (CETEFE)**, onde sua participação se dará por meio de entrevista com tempo estimado de **30 minutos** para sua realização. Para isso, serão usados questionários padronizados e/ou elaborados pelos pesquisadores, com perguntas objetivas e claras, além disso, os materiais coletados ficaram sobre guarda exclusiva dos pesquisadores.

O uso desses instrumentos é considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos. Os riscos consistem em desconforto emocional, por se tratar de assuntos pessoais, risco de vazamento de informações sigilosas e risco de perda do anonimato. Para minimizar esses possíveis riscos, se você ou seu filho não se sentirem à vontade com qualquer pergunta poderão responder em outro momento, ou mesmo não responderem. Além disso, os dados informados só serão utilizados pelos pesquisadores, ninguém saberá sobre a participação na pesquisa, não constará seu nome, o do jovem, ou de qualquer informação que possam identifica-los, assim como não informaremos seus dados a estranhos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone **991292525** do pesquisador **Jonas Fernandes** Carvalho e e-mail: **jonas.fcarvalho@hotmail.com**, ou **981300310**, de **Ana Cristina de Jesus Alves** e e-mail: **crisjalves@hotmail.com**, inclusive, se necessário, pode ser ligado a cobrar. Mas coisas boas podem acontecer também como: caso sejam identificadas demandas de terapia ocupacional no esporte, poderá haver atendimento ou orientações de terapia ocupacional. Esse atendimento será realizado pelos pesquisadores na própria instituição (CETEFE) que oferece recursos e salas de atendimento, para a garantia do atendimento serão financiados pelo pesquisador responsável a passagem e alimentação quando necessárias. Além disso, a participação responsável e do jovem poderá contribuir para obtenção de dados que possam subsidiar a qualidade de atendimento e treinos para para-atletas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando a pesquisa for finalizada, serão divulgados os resultados na Universidade de Brasília, podendo ser divulgados posteriormente em revista ou congressos. Se você tiver alguma dúvida, você pode nos perguntar. Nós escrevemos os telefones na parte de cima desse texto.

Todas as despesas que você e o jovem sobre sua responsabilidade, quando necessário, estiverem relacionadas ao projeto de pesquisa (tais com passagem, alimentação ou exames para realização da pesquisa) serão cobertos pelos pesquisadores responsáveis. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa você poderá ser indenizado obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Esse documento deve ser assinado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o senhor.

(RÚBRICA)

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE
(continuação)

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) é um órgão colegiado, multidisciplinar, independente, de natureza consultiva, deliberativa e educativa. Sua finalidade é avaliar e acompanhar projetos de pesquisa que envolvam seres humanos e seu desenvolvimento, em relação aos seus aspectos éticos e metodológicos. Dúvidas relacionadas a assinatura ou direito do participante podem ser sanadas pelo esclarecidas pelo telefone: **3108-8434**, ou via e-mail: **cep.fce@gmail.com**, horário de atendimento 14 às 18 horas, de segunda a sexta feira. O CEP se localiza na UNB-FCE, sala AT 07/66 – prédio da unidade de ensino e docência UED-UNB, centro metropolitano, conjunto A, lote 1, Brasília-DF, CEP: 72220-900.

Eu _____ autorizo _____ a participar da pesquisa **Investigação sobre os fatores ambientais e o paraesporte juvenil**, que tem o objetivo identificar e descrever as principais dificuldades e facilidades enfrentadas na prática do paraesporte, e a participação do atleta nas competições. Entendi a possibilidade de ocorrer algum problema e também os benefícios desta pesquisa. Entendi que posso dizer “sim” e autorizar minha participação e do menor que sou responsável, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem que haja nem prejuízo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido -TCLE, e li e concordo em participar da pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C - Termo de assentimento do menor

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **Investigação sobre os fatores ambientais no paraesporte juvenil**, tendo como pesquisador Jonas Fernandes sob a orientação da professora Ana Cristina de Jesus Alves. Esse é um projeto de mestrado do programa de pós-graduação em ciências da reabilitação da Universidade de Brasília. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, parecer número ____ A pessoa responsável por você permitiu sua participação e gostaríamos de saber se você gostaria de participar. Queremos saber as principais dificuldades e facilidades enfrentadas na prática de sua modalidade, as competições que você participa e itens que te ajudam na prática do esporte. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm entre 13 e 18 anos de idade. A participação é voluntária e você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. Você poderá desistir de participar a qualquer momento sem riscos de ser penalizado no programa ou na instituição a qual pertence.

A pesquisa acontecerá em apenas **um encontro** e será realizada na **Associação de centro de treinamento de educação física especial (CETEFE)**, onde sua participação se dará por meio de entrevista com tempo estimado de **30 minutos** para sua realização. Para isso, serão usados questionários padronizados e/ou elaborados pelos pesquisadores, com perguntas objetivas e claras, além disso os materiais coletados ficaram sobre guarda exclusiva dos pesquisadores.

O uso desses instrumentos é considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos. Os riscos consistem em desconforto emocional, por se tratar de assuntos pessoais, risco de vazamento de informações sigilosas e risco de perda do anonimato. Para minimizar esses possíveis riscos, se você não se sentir à vontade com qualquer pergunta poderá responder em outro momento, ou mesmo não responder. Além disso, os dados informados só serão utilizados pelos pesquisadores, ninguém saberá sobre a participação na pesquisa, não constará seu nome, ou de qualquer informação que possam identifica-lo, assim como não informaremos seus dados a estranhos. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone **991292525** do pesquisador **Jonas Fernandes Carvalho**, e-mail: **jonas.fcarvalho@hotmail.com**, ou **981300310**, de **Ana Cristina de Jesus Alves**, e-mail: **crisjalves@hotmail.com**, inclusive, se necessário, pode ser ligado a cobrar. Mas coisas boas podem acontecer também como: Mas coisas boas podem acontecer também como: caso sejam identificadas demandas de terapia ocupacional no esporte, poderá haver atendimento ou orientações de terapia ocupacional. Esse atendimento será realizado pelos pesquisadores na própria instituição (CETEFE) que oferece recursos e salas de atendimento, para a garantia do atendimento serão financiados pelo pesquisador responsável a passagem e alimentação quando necessárias. Além disso, a participação responsável e do jovem poderá contribuir para obtenção de dados que possam subsidiar a qualidade de atendimento e treinos para para-atletas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando a pesquisa for finalizada, serão divulgados os resultados na Universidade de Brasília, podendo ser divulgados posteriormente em revista ou congressos. Se você tiver alguma dúvida, você pode nos perguntar. Nós escrevemos os telefones na parte de cima desse texto.

Todas as despesas que você ou seu responsável, quando necessário, estiverem relacionadas ao projeto de pesquisa (tais com passagem, alimentação ou exames para realização da pesquisa) serão cobertos pelos pesquisadores responsáveis. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa você poderá ser indenizado obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Esse documento deve ser assinado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o jovem participante.

(RÚBRICA)

APÊNDICE C - Termo de assentimento do menor (continuação)

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) é um órgão colegiado, multidisciplinar, independente, de natureza consultiva, deliberativa e educativa. Sua finalidade é avaliar e acompanhar projetos de pesquisa que envolvam seres humanos e seu desenvolvimento, em relação aos seus aspectos éticos e metodológicos. Dúvidas relacionadas a assinatura ou direito do participante podem ser sanadas pelo esclarecidas pelo telefone: **3108-8434**, ou via e-mail: **cep.fce@gmail.com**, horário de atendimento 14 às 18 horas, de segunda a sexta feira. O CEP se localiza na UNB-FCE, sala AT 07/66 – prédio da unidade de ensino e docência UED-UNB, centro metropolitano, conjunto A, lote 1, Brasília-DF, CEP: 72220-900.

Eu _____ aceito participar da pesquisa **Investigação sobre os fatores ambientais e o paraesporte juvenil**, que tem o/s objetivo(s) Identificar e descrever as principais dificuldades e facilidades enfrentadas na prática do paraesporte, e o desempenho do atleta nas competições. Entendi que pode acontecer algum problema e também as coisas boas que a pesquisa pode trazer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem nenhum problema. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

ANEXO A – Critério de classificação econômica do Brasil

Questionário sociodemográfico da ABEP

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é exclusivamente de classes econômicas.

Marque com um “X” a opção que melhor te representa.

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Máquina de lavar					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Até 3ª. Série Fundamental	
Primário completo / Ginásial incompleto	Até 4ª. Série Fundamental	
Ginásial completo / Colegial incompleto	Fundamental completo	
Colegial completo / Superior incompleto	Médio completo	
Superior completo	Superior completo	

ANEXO B – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD

PA – formulário do cliente

INICIAL 1 DE 2	AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA- PREDISPOSIÇÃO AO USO ATD PA- Br FORMULÁRIO DO CLIENTE	FORMULÁRIO 1 CLIENTE
-------------------	---	-------------------------

Nome _____ Idade _____

Objetivos a curto prazo da T.A. (6 meses) _____ Data da avaliação _____

Objetivos a longo prazo da T.A. (1 ano +) _____ Avaliador _____

A. Que nota você daria hoje para as suas habilidades nas 9 áreas listadas abaixo. Caso você já tenha dispositivos de TA ou outro auxílio, considere-os.

- Para os itens 1-9 marque a resposta mais adequada (1 para ruim e até 5 para excelente).
- Na coluna *Nome do Dispositivo* escreva o nome da TA que faz uso e onde é relevante (por exemplo: "óculos de grau" na primeira linha, "visão").
- Escreva um sinal de mais (+) no espaço onde você espera precisar de mais dispositivos de TA ao longo do próximo ano (por exemplo: "óculos" recebe um mais (+) se você espera precisar de lentes mais fortes durante o próximo ano). Escreva um sinal de menos (-) nos espaços onde você espera diminuir o suporte, e (0) onde você espera que o seu dispositivo de TA deveria continuar o mesmo ao longo do próximo ano.

	Ruim	Médio	Excelente	Nome do Dispositivo	Necessita mais (+), menos (-), Permanecer da mesma forma (0)	
1. Visão	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
2. Audição	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
3. Linguagem	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
4. Compreensão, Memória	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
5. Física (força, resistência, vigor, disposição)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
6. Uso da parte inferior do corpo (quadril, pernas, pés)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
7. Preensão e uso dos dedos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
8. Uso da parte superior do corpo (braços, ombros, tronco)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
9. Mobilidade (chegar de um lugar ao outro)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____

B. Quanto você está satisfeito, atualmente, com as seguintes áreas?

- Para os itens 10-21 marque a resposta mais adequada (dê 1 para *não satisfeito* e até 5 para *muito satisfeito*).

Quais são os 3 itens mais importantes para você? Considerando as 3 áreas mais importantes, marque a ordem de prioridade 1º, 2º e 3º dos itens mais importantes (1º = mais importantes). Deixe as outras linhas em branco. Para os 3 itens mais importantes, escreva no espaço ao lado, os principais obstáculos e barreiras que você enfrenta.

	Não Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	3 mais importantes	Obstáculos / barreiras	
10. Cuidado pessoal e atividades domésticas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
11. Conforto físico e bem-estar/satisfação	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
12. Saúde em geral	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
13. Liberdade de ir onde deseja	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
14. Participação em atividades desejadas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
15. Sucesso/ satisfação educacional	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
16. Condição Profissional/Potencial	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
17. Relações familiares	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
18. Relacionamentos próximos, íntimos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
19. Autonomia e autodeterminação (escolha)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
20. Fazer parte, pertencer, sentir-se conectado	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____
21. Bem estar emocional	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5	_____

C. Por favor, marque todas afirmativas abaixo que descrevam você. Marque somente aquelas que *frequentemente* ou *geralmente* se aplicam a você e ignore aquelas que muito *raramente* ou *nunca* se aplicam a você.

<input type="checkbox"/> 22. Eu tenho o apoio que eu quero da minha família.	<input type="checkbox"/> 33. Eu geralmente sou calmo e paciente.	<input type="checkbox"/> 44. Eu acho que a tecnologia é interessante.
<input type="checkbox"/> 23. Eu faço o que meu terapeuta diz sem questionar.	<input type="checkbox"/> 34. Eu fico frequentemente com raiva.	<input type="checkbox"/> 45. Eu prefiro viver um estilo de vida mais tranquilo.
<input type="checkbox"/> 24. Eu me sinto encorajado pelos terapeutas e cuidadores.	<input type="checkbox"/> 35. Eu sou autodisciplinado.	<input type="checkbox"/> 46. Eu sou cooperativo.
<input type="checkbox"/> 25. Eu não tenho certeza de quem eu sou agora.	<input type="checkbox"/> 36. Eu estou frequentemente deprimido.	<input type="checkbox"/> 47. Eu frequentemente me sinto isolado e sozinho.
<input type="checkbox"/> 26. Eu desejo ir à escola ou trabalhar.	<input type="checkbox"/> 37. Minha vida tem propósito e significado.	<input type="checkbox"/> 48. Eu cumprio o que me proponho fazer.
<input type="checkbox"/> 27. Eu estou frequentemente desanimado.	<input type="checkbox"/> 38. Eu preferiria estar sozinho.	<input type="checkbox"/> 49. Eu frequentemente me sinto inseguro.
<input type="checkbox"/> 28. Eu tenho o apoio que eu quero dos meus amigos.	<input type="checkbox"/> 39. Eu quero mais independência.	<input type="checkbox"/> 50. Eu tenho capacidade para resolver situações
<input type="checkbox"/> 29. Eu fico frustrado ou me sinto sobrecarregado com frequência	<input type="checkbox"/> 40. Meu terapeuta (s) sabe melhor do que eu preciso.	<input type="checkbox"/> 51. Eu me sinto como se eu tivesse pouca privacidade.
<input type="checkbox"/> 30. Eu sinto que, em geral, as pessoas me aceitam.	<input type="checkbox"/> 41. Eu gosto de ter desafios.	<input type="checkbox"/> 52. Eu tenho uma boa imagem de mim mesmo.
<input type="checkbox"/> 31. Eu sou curioso e animado com coisas novas.	<input type="checkbox"/> 42. Eu sou responsável e confiável.	<input type="checkbox"/> 53. Eu vejo meu(s) terapeuta(s) como amigo(s) também.
<input type="checkbox"/> 32. Eu estou determinado a atingir meus objetivos.	<input type="checkbox"/> 43. Eu geralmente estou satisfeito com minha vida.	<input type="checkbox"/> 54. Eu tenho muitas coisas que eu quero realizar.

D. Comentários:

ANEXO B – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD PA - formulário do cliente (continuação)

INICIAL 2 DE 2	AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA- PREDISPOSIÇÃO AO USO ATD PA- Br Para Comparar Dispositivo e Obter Resultados Desejados	FORMULÁRIO 2 DISPOSITIVO
-------------------	--	-----------------------------

Nome _____	Idade _____
Objetivos a curto prazo da TA (6 meses) _____	Data da avaliação _____
Objetivos a longo prazo da TA (1 ano +) _____	Avaliador _____

INSTRUÇÕES: Escreva o nome de cada dispositivo que você está considerando no espaço abaixo de "Dispositivo". Observe o exemplo dado. Classifique cada dispositivo de TA considerando os 12 itens (A-L) de acordo com a escala abaixo, depois circule os 3 itens (A-L) que mais importam para você. Escreva a classificação nos espaços apropriados.

5 = O tempo todo (100% do tempo)

2 = Às vezes (aproximadamente 25% do tempo)

4 = Frequentemente (aproximadamente 75% do tempo)

1 = Nunca (0% do tempo)

3 = Metade do tempo, neutro (aproximadamente 50% do tempo)

0 = Não se aplica.

	Questão	Exemplo: Bengala de 4 apoios	Dispositivo 1:	Dispositivo 2:	Dispositivo 3:
			(nome do dispositivo)	(nome do dispositivo)	(nome do dispositivo)
A	Este dispositivo de TA me ajudará a alcançar meus objetivos (incluindo os objetivos primários da TA escritos acima)	5			
B	Este dispositivo me beneficiará e melhorará minha qualidade de vida.	3			
C	Eu estou confiante que eu sei como usar este dispositivo e suas variações.	4			
D	Eu me sentirei mais seguro (em segurança, seguro de mim mesmo) usando este dispositivo de TA.	5			
E	Este dispositivo se encaixará bem à minha rotina diária.	4			
F	Eu tenho capacidade e vigor para usar este dispositivo sem desconforto, estresse ou fadiga.	3			
G	Há suporte, assistência e acomodações para o uso bem sucedido deste dispositivo.	4			
H	Este dispositivo se encaixará fisicamente em todos os ambientes desejados (carro, sala de estar etc.).	3			
I	Eu vou me sentir confortável (não vou ficar constrangido) usando este dispositivo perto dos meus amigos.	4			
J	Eu vou me sentir confortável (não vou ficar constrangido) usando este dispositivo perto dos meus familiares.	4			
K	Eu me sentirei confortável (e não vou ficar constrangido) usando este dispositivo na escola ou no trabalho.	4			
L	Eu me sentirei confortável (e não vou me sentir constrangido) usando este dispositivo na minha comunidade.	4			
	TOTAL (soma de A – L)	47			

Revise cada pontuação total acima. O dispositivo com a pontuação mais alta é o mais elegível (número máximo de pontos = 60). Entretanto, quando a pontuação total dos dispositivos for próxima, deverá ser dado maior peso a soma dos três itens marcados como *mais importantes*.

DISPOSITIVO SELECIONADO: _____

Profissional:	Contato:	Telefone:	Fax:
Fabricante:	Modelo:	Data de Entrega :	
Custo:	Financiador:	Notas/Documentações:	
Quanto tempo o dispositivo atenderá às necessidades da pessoa (Anos)		(Meses)	(Semanas)

COMENTÁRIOS E ANOTAÇÕES:

ANEXO C – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD PA - formulário do profissional

INICIAL 1 DE 2	AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA- PREDISPOSIÇÃO AO USO ATD PA- Br FORMULÁRIO DO PROFISSIONAL	FORMULÁRIO 3 PROFISSIONAL
Nome _____		Avaliador _____
Dispositivo _____		Data da avaliação _____

A. INCENTIVOS E IMPEDIMENTOS Individuais e Psicossociais ao uso do dispositivo de T.A.

Leia cada um dos itens abaixo e decida quais são incentivos ou impedimentos ao uso *deste dispositivo* de tecnologia assistida por *esta* pessoa. Então marque um "X" no espaço apropriado. Para aqueles que são neutros, não se aplicam ou não existem a situação apropriada, coloque um "X" no espaço do meio.

	—	0				+	
	Maior Impedimento	Impedimento Moderado	Menor Impedimento	Neutro/ Não se aplica	Menor Incentivo	Incentivo Moderado	Maior Incentivo
1. Grau no qual a deficiência está incorporada à autoimagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Visão de barreiras/ limitações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Experiências de vida em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Percepção do controle sobre a qualidade de vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Expectativas de si mesmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Grau de participação social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Socialização e habilidade social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Expectativas da família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Expectativas dos amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Desejo de ir à escola / ao trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Cooperação com os terapeutas e plano de reabilitação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Interesse em novas coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Visão de oportunidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Atitude/ Visão sobre a vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Humor (Personalidade) e Emoção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Grau de autodisciplina e paciência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Desejo de usar tecnologia(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Desejo por independência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Autoestima	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Habilidade de enfrentamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Experiência previa com o uso de tecnologia geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Grau de expressividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Total de Escolhas (de cada coluna)							

ANEXO C – Avaliação de tecnologia assistida/ predisposição para o uso de recurso ATD PA - formulário do profissional (continuação)

INICIAL 2 DE 2	AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA- PREDISPOSIÇÃO AO USO ATD PA- Br FORMULÁRIO DO PROFISSIONAL	FORMULÁRIO 4 PROFISSIONAL				
Nome _____ Avaliador _____ Dispositivo ou Sistema _____ Data da avaliação _____ Quem deseja o dispositivo de TA para esta pessoa (a própria pessoa, família, terapeuta, empregador)? _____						
B. REQUISITOS DO DISPOSITIVO ASSISTIVO COMPARADO COM OS RECURSOS DA PESSOA. Os itens a seguir são apresentados em pares. A coluna da esquerda pergunta sobre os requisitos do dispositivo em seis áreas diferentes; a coluna da direita pergunta sobre os recursos individuais de cada uma das seis áreas. Para cada par de itens, escreva na caixa o número que melhor indica o grau no qual os requisitos do dispositivo e da pessoa se encaixam. Por exemplo, se a pessoa é facilmente capaz de lidar com as exigências físicas do dispositivo ou, se as exigências físicas do dispositivo podem ser facilmente modificadas para acomodar as necessidades da pessoa, então há uma boa compatibilidade e a pontuação seria 5 para aquele par em particular, ou seja, a nota máxima.						
1	2	3	4	5		
Existe uma incompatibilidade clara e óbvia	A pessoa tem dificuldade	Neutro ou não se aplica ou não foi avaliado	A combinação é próxima	Existe uma boa combinação entre a pessoa e o dispositivo		
REQUISITOS DO DISPOSITIVO ASSISTIVO		RECURSOS DA PESSOA				
23. Exigência Física Os atributos e características do dispositivo foram apresentados completamente? As exigências de manutenção foram esclarecidas?		<input type="checkbox"/>	O usuário tem expectativas reais do uso do dispositivo e os ganhos que podem ser alcançados com seu uso?			
24. Exigência Física/ Sensoriais Há exigências físicas para o uso (ex. destreza com os dedos, audição, visão) que podem ser adaptados ou modificados?		<input type="checkbox"/>	A pessoa possui ou pode ser treinada para as exigências físicas/sensoriais necessárias?			
25. Gastos O custo do dispositivo está dentro das expectativas de melhora na funcionalidade?		<input type="checkbox"/>	A pessoa tem recursos e/ ou suporte para adquirir ou alugar o dispositivo?			
26. Suporte de Serviços/Treinamento Há treinamento/suporte e atualização disponível para o dispositivo? O indivíduo pode experimentar, testar, para ter certeza de que há compatibilidade?		<input type="checkbox"/>	A pessoa tem recursos e habilidade para um treinamento benéfico ou de suporte?			
27. Serviço de Entrega Pode ser entregue com rapidez? Será necessário montar ou instalar o dispositivo?		<input type="checkbox"/>	A pessoa tem paciência para esperar o dispositivo e a espera não tornará o dispositivo obsoleto?			
28. Exigências cognitivas O dispositivo requer treinamento/ formação especial? O dispositivo pode ser adaptado para acomodar as habilidades/aptidões deste usuário?		<input type="checkbox"/>	A pessoa tem o treinamento ou a habilidade intelectual necessária ou pode ser treinada para tê-las?			
Total da Combinação (soma 23 ao 28):						
C. INFLUÊNCIAS NA COMBINAÇÃO DA PESSOA E DISPOSITIVO E USO BEM-SUCEDIDO DO DISPOSITIVO.		Não	Possivelmente	Sim		
29. O usuário tem objetivos que, segundo seu julgamento, serão melhores ou mais facilmente alcançados pelo uso do dispositivo de TA, ao invés de alternativas para o seu uso?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
30. O usuário acredita que o uso do dispositivo resultará em uma melhora na sua qualidade de vida?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
31. O usuário sabe como usar o dispositivo? Ele conhece suas características?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
32. O usuário se sentirá fisicamente, emocionalmente e socialmente seguro quando estiver usando o dispositivo?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
33. O uso do dispositivo se encaixará a rotina habitual e às atividades básicas do usuário?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
34. O dispositivo é usado com pouco ou nenhum desconforto, estresse ou fadiga?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
35. Há suporte adicional, assistência/ ajuda e acomodações necessárias para o uso bem sucedido?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
36. O dispositivo se adaptará a todos os ambientes relevantes (carro, sala de estar etc.)?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
37. O usuário se sentirá confortável (não constrangido) usando o dispositivo perto da família?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
38. O usuário se sentirá confortável (não constrangido) usando o dispositivo perto de amigos?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
39. O usuário se sentirá confortável (não constrangido) usando o dispositivo na escola ou no trabalho?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
40. O usuário se sentirá confortável (não constrangido) usando o dispositivo na comunidade?		<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Total (do item 29 ao 40) :						

ANEXO D – Avaliação da satisfação do usuário com a Tecnologia Assistida de Quebec

B-Quest (2.0)

266

REV BRAS REUMATOL. 2014;54(4):260-267

Anexo**Avaliação da satisfação do usuário com a Tecnologia Assistiva de Quebec B-Quest (2.0)**

Recurso tecnológico: _____

Nome do usuário: _____

Data da avaliação: _____

O objetivo do questionário QUEST é avaliar o grau de satisfação com seu recurso de tecnologia assistiva e os serviços relacionados que você usou. O questionário consiste de 12 itens de satisfação.

- Para cada um dos 12 itens, avalie sua satisfação com o recurso de tecnologia assistiva e os serviços relacionados que experimentou, usando a seguinte escala de 1 a 5:

1	2	3	4	5
Insatisfeito	Pouco satisfeito	Mais ou menos satisfeito	Bastante satisfeito	Totalmente satisfeito

- Circule ou marque o número que melhor descreve seu grau de satisfação com cada um dos 12 itens.
- Não deixe nenhuma pergunta sem resposta.
- Em caso de algum item com o qual você não tenha ficado "totalmente satisfeito", comente na seção **comentários**.

Obrigado por completar o questionário QUEST.

1	2	3	4	5
Insatisfeito	Pouco satisfeito	Mais ou menos satisfeito	Bastante satisfeito	Totalmente satisfeito
RECURSO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA Qual é o seu grau de satisfação com:				
1. as dimensões (tamanho, altura, comprimento, largura) do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
2. o peso do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
3. a facilidade de ajustar (fixar, afivelar) as partes do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
4. a estabilidade e a segurança do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
5. a durabilidade (força e resistência ao desgaste) do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
6. a facilidade de uso do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
7. o conforto do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5

1	2	3	4	5
Insatisfeito	Pouco satisfeito	Mais ou menos satisfeito	Bastante satisfeito	Totalmente satisfeito
RECURSO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA Qual é o seu grau de satisfação com: (continuação)				
8. a eficácia do seu recurso de tecnologia assistiva (o quanto seu recurso atende às suas necessidades)? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
SERVIÇOS Qual é o seu grau de satisfação com:				
9. o processo de entrega (procedimentos, tempo de espera) pelo qual você obteve o seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
10. os reparos e a assistência técnica (manutenção) prestados para o seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
11. a qualidade dos serviços profissionais (informações, atenção) que você recebeu pelo uso do seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5
12. os serviços de acompanhamento (serviços de suporte contínuos) recebidos para o seu recurso de tecnologia assistiva? Comentários: _____				
			1	2 3 4 5

- A seguir, consta uma lista com os mesmos 12 itens de satisfação. ESCOLHA OS 3 ITENS que você considera os mais importantes. Assinale um X nas 3 opções de sua escolha.

- 1) Dimensões 7) Conforto
 2) Peso 8) Eficácia
 3) Ajustes 9) Entrega
 4) Segurança 10) Reparos/assistência técnica
 5) Durabilidade 11) Serviços profissionais
 6) Facilidade de uso 12) Serviços de acompanhamento

B - QUEST**Folha de pontuação**

Esta página destina-se à pontuação de suas respostas.

NÃO ESCREVA NESTA PÁGINA

- Número de respostas inválidas _____

- Pontuação subtotal de **Recurso** _____

Nos itens de 1 a 8, acrescente a pontuação das respostas válidas e divida essa soma pelo número de itens válidos nesta escala.

- Pontuação subtotal de **Serviços** _____

Nos itens de 9 a 12, acrescente a pontuação das respostas válidas e divida essa soma pelo número de itens válidos nesta escala.

ANEXO D – Avaliação da satisfação do usuário com a Tecnologia Assistida de Quebec B-Quest (2.0) (Continuação)

- Total QUEST _____

Nos itens de 1 a 12, acrescente a pontuação das respostas válidas e divida esta soma pelo número de itens válidos.

- Os três itens mais importantes de satisfação:

ANEXO E - Parecer consubstanciado do Comitê de Ético em Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Investigação sobre o paraesporte Juvenil

Pesquisador: Jonas Fernandes Carvalho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 99749318.9.0000.8093

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.986.928

Apresentação do Projeto:

"O paraesporte busca a inclusão de pessoas com deficiência a partir de modificações nas regras, métodos e materiais. Para adolescentes com deficiência o paraesporte é uma importante forma de participação social e vários aspectos podem determinar a forma e o nível de participação desses indivíduos, inclusive os fatores ambientais. Os fatores ambientais simbolizam o ambiente físico, social, as atitudes e formas nas quais as pessoas vivem e conduzem suas vidas. Esses fatores podem ser avaliados como barreiras ou facilitadores de modo a influenciar no contexto de vida das pessoas.

Objetivos - Investigar e analisar os fatores ambientais de adolescentes com deficiência que praticam o paraesporte, realizar a revisão sistemática da literatura buscando identificar os principais estudos sobre os fatores ambientais relacionados

ao paraesporte juvenil; realizar um estudo piloto de caracterização; e identificar o desempenho dos adolescentes no paraesporte. Método - Para que se possa responder de modo eficaz os objetivos propostos será realizado um estudo transversal descritivo exploratório, para que assim se possa entender de forma mais completa o cotidiano e as experiências individuais de cada indivíduo. O estudo também será analítico, avaliando hipóteses de associações entre exposições e características de um evento. O estudo será fundamentado com uma metodologia quantitativa. Resultados esperados - Espera-se com esse trabalho a partir da metodologia proposta consiga atingir o máximo de usuários de forma a conseguir cumprir os objetivos".

ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP (continuação)

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: Investigar e analisar os fatores ambientais de adolescentes com deficiência que praticam o paraesporte."

"Objetivo Secundário: - Realizar a revisão sistemática da literatura buscando identificar os principais estudos sobre os fatores ambientais relacionados ao paraesporte juvenil;- Realizar um estudo piloto de caracterização com o intuito de entender a dinâmica da prática esportiva e modalidades e testar os questionário e avaliações padronizadas;- Identificar o desempenho dos adolescentes no paraesporte em relação aos resultados de competições no último ano;- Identificar as principais tecnologias assistivas utilizadas pelos atletas e serviços prestados na área e sua satisfação;- Identificar o Ambiente natural e as mudanças feitas pelo homem como: modificações existentes e necessárias e acessibilidade; - Caracterizar as atitudes dos usuários segundo a CIF.- Caracterizar o perfil socioeconômico dos usuários;- Correlacionar os aspectos sociais, pessoais, as tecnologias assistivas e o desempenho no esporte.- Identificar as principais barreiras e facilitadores dos fatores ambientais à prática do paraesporte juvenil".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos: Como em toda pesquisa, riscos podem existir como desconforto emocional, por se tratar de assuntos pessoais, risco de vazamento de informações sigilosas e risco de perda do anonimato. Para evitar ou minimizar esses possíveis riscos, se os participantes não se sentirem à vontade com qualquer pergunta poderão responder em outro momento, ou mesmo não responderem. Além disso, os dados informados só serão utilizados pelos pesquisadores, ninguém saberá sobre a participação na pesquisa, não constará o nome do responsável ou do jovem, ou de qualquer informação que possam identificá-los, assim como não informaremos esses dados a estranhos. O pesquisador será colocado à disposição para esclarecimento de qualquer problema ou dúvida, e será disponibilizado o contato de telefone nos respectivos termos."

"Benefícios: Caso sejam identificadas demandas de terapia ocupacional no esporte, atendimento ou orientações de terapia ocupacional poderão ser realizadas pelos pesquisadores. Além disso, a participação responsável e do jovem poderá contribuir para obtenção de dados que possam subsidiar a qualidade de atendimento e treinos para para-atletas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando a pesquisa for finalizada, serão divulgados os resultados na Universidade de Brasília, podendo ser divulgados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo trata de projeto de dissertação de mestrado do programa de pós graduação em Ciências da Reabilitação da FCE-UnB do discente Jonas Fernandes Carvalho e orientadora Ana Cristina de Jesus Alves. O objetivo geral do estudo será "Investigar e analisar os fatores ambientais de adolescentes com deficiência que praticam o paraesporte".

ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP (continuação)

O percurso metodológico a ser adotado será uma revisão sistemática sobre a temática e realização de entrevistas utilizando 4 instrumentos de coletas de dados já publicados e traduzidos.

A população do estudo será composta por adolescentes de 13 a 18 anos que praticam paraesporte. O local do estudo Associação de centro de treinamento de educação física especial (CETEFE).

Será realizado um piloto com 17 participantes, "com o intuito de entender a dinâmica da prática esportiva e modalidades e testar os questionários e avaliações padronizadas afim de buscar identificar a melhor técnica para coleta de dados e necessidade de ajustes".

Para análise estatística dos dados a proposta é realizar análise de frequência das variáveis e correlação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

-Deixar claro onde será realizada a entrevista, levando em conta a necessidade de ser um local que permite a confidencialidade e sigilo dos dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise do projeto de pesquisa, todas as pendências do parecer anterior foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo de pesquisa em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cabe ressaltar que compete ao pesquisador responsável: desenvolver o projeto conforme delineado; elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP (continuação)

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1177321.pdf	13/10/2018 21:26:21		Aceito
Parecer Anterior	Parecerconsubstanciado.pdf	13/10/2018 21:25:27	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoassentimentoCEP13.docx	13/10/2018 21:22:44	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEcep13.doc	13/10/2018 21:22:12	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Outros	cartarespostaCEP.docx	13/10/2018 21:20:45	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	prejetomestradoCEP.docx	13/10/2018 21:19:18	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Outros	CurriculoAnaCristina.pdf	12/09/2018 13:05:14	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Outros	Curriculo.pdf	12/09/2018 13:03:44	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Orçamento	planilhadeorcamento12.doc	12/09/2018 11:49:42	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Cronograma	cronogramadeeducacao12.doc	12/09/2018 11:42:25	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11/09/2018 13:36:51	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termocoparticipante.pdf	29/07/2018 09:52:40	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito
Outros	TERMODEresposta.pdf	27/07/2018 14:24:41	Jonas Fernandes Carvalho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Brasília, 29 de outubro de 2018.

Assinado por:

Danielle Kaiser de Souza (Coordenador(a))

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte



INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte* (RBPE) é uma publicação da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte e tem por objetivo publicar pesquisas que possam contribuir para o avanço do conhecimento acerca da Psicologia do Esporte em suas variadas manifestações como esporte de alto rendimento, as práticas de tempo livre, a iniciação esportiva, os projetos sociais e a reabilitação.

Os textos poderão ser redigidos em português, espanhol ou inglês.

A Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE) aceitará trabalhos originais para publicação nas seguintes categorias:

Os artigos publicados podem ser de tipo teórico, de revisão e artigos com resultados de pesquisa

Ensaios

Ensaios teóricos devem propor a análise de conceitos, levando ao questionamento de modelos existentes à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas (limite de 25 páginas);

Relatos

Relatos de pesquisa ou de experiência profissional devem apresentar introdução, método, resultados e discussão (acrescidos ou não de conclusões e/ou considerações finais) e referências (limite de 35 páginas);

Resenhas

As resenhas podem ser de publicações nacionais ou estrangeiras e serão preferencialmente aceitas se abordarem a obra, contextualizando sua publicação no cenário contemporâneo da produção acadêmica da área.

Submissão do Manuscrito

O original deverá ser encaminhado à Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE), por meio da página eletrônica da Revista no endereço <http://www.artedata.com/rbpe>, onde há maiores instruções sobre o processo de submissão. O arquivo (único) deverá estar no formato Word for Windows, em editor de texto WORD 6.0 ou superior, não superando 7MB, incluindo figuras.

Carta do autor principal

O encaminhamento de artigos à revista deve vir precedido por uma carta do autor principal, onde esteja explicitada a intenção de submissão ou re-submissão do trabalho a publicação. Esta carta deverá estar antes da folha de rosto identificada.

ANEXO F – Normas de formatação da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

Forma de Apresentação dos Manuscritos

Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE) baseia-se nas normas da American Psychological Association (APA) no que diz respeito à apresentação das citações no texto e das referências.

A apresentação dos manuscritos deverá obedecer à seguinte seqüência:

1 - Folha de Rosto Identificada, contendo:

- Título do trabalho em português, inglês e espanhol.
- Nome completo e afiliação institucional de cada um dos autores
- Nota de rodapé com endereço completo para correspondência (incluindo CEP, telefone e Endereço eletrônico) de cada um dos autores
- Nota de rodapé com informações sobre apoio institucional, agradecimentos, origem do trabalho (apresentação em evento, derivado de dissertação ou tese) e outras informações eticamente necessárias.

2 - Folha de Rosto sem Identificação, contendo apenas:

- Título do trabalho em português, inglês e espanhol.

3 - Resumos (Abstract e Resumen) e Palavras-chave (Keywords e palabras-clave)

- Resumo em português (aproximadamente 150 palavras) e palavras-chave (até cinco) devem figurar antes do texto propriamente dito. Abstract e keywords seguidos por resumen e palabras-clave (versão para o inglês e espanhol dos resumos e palavras-chave), devem ser apresentados antes do texto.

4 - Apresentação dos manuscritos

- O título deve ser claro e objetivo, escrito em letras maiúsculas. Máximo de dez palavras. Com texto centralizado. Os Subtítulos devem ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula e estarem em negrito
- O formato indicado do papel é A4 (21 x 29,7cm), com todas as margens superior e direita iguais a 3,0cm e inferior e esquerda iguais a 2,5cm
- Os textos devem ser digitados em espaço de 1,5 linha em todas as circunstâncias
- Fonte tipo Arial, tamanho 12, em todo o manuscrito, incluindo referências e notas de rodapé

5 - Anexos, figuras e tabelas

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

- As palavras Figura, Tabela e Anexo que aparecerem no texto devem sempre ser escritas com a primeira letra em maiúscula e devem vir acompanhadas do número (para Figuras e Tabelas) ou letra (para Anexos) respectivos ao qual se referem.
- Devem ser indicados no corpo do texto identificados pelas letras do alfabeto em maiúsculas (p. ex.: A, B, C e assim por diante).
- Anexos com mais de uma página devem ser numerados consecutivamente com texto em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço duplo.
- Tabelas e Figuras: cada uma deve ser apresentada em uma nova página, com as respectivas legendas e títulos. Não devem exceder 17,5 cm de largura por 23,5 cm de comprimento.
- Devem ser elaboradas preferencialmente no MSWord.
- Os títulos das tabelas devem ser colocados em sua parte superior, uma linha abaixo da expressão Tabela e seu respectivo número.
- Os títulos devem indicar o conteúdo da mesma em até 15 palavras. A primeira letra de cada palavra do título deve ser em letra minúscula.
- O título deve estar sublinhado e não deve conter pontuação ao final.
- Dentro da Tabela, não utilize letras maiúsculas, itálicos ou negritos.
- Os títulos das figuras devem ser apresentados logo após a expressão Figura e seu respectivo número (esses devem ser sublinhados), seguindo as demais especificações para Tabelas, mas com pontuação ao final.

6 - Texto

Para a normalização dos originais recomendamos os manuais disponíveis na página <http://www.ip.usp.br/biblioteca/pdf/> baseados na 5ª edição de 2001 do manual editado pela APA.

6.1 - Citações no texto

6.1.1 - Citação de autores no texto

- Devem ser apresentados pelo sobrenome do(s) autor(es) seguido(s) do ano da publicação. Nas citações com dois autores os sobrenomes quando citados no texto devem ser ligados por "e" ("e" no caso do texto ser em português, "and" em inglês, "y" em espanhol e assim por diante); quando citados entre parênteses devem ser ligados por "&". Exemplo: Ades e Botelho (1993) ou (Ades & Botelho, 1993)

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

- No caso de citações com três a cinco autores, a primeira vez em que aparecem no texto são citados todos os autores; nas citações seguintes cita-se o sobrenome do primeiro autor seguido da expressão latina "et al."

Exemplo de citações de três a cinco autores:

Primeira vez em que os autores aparecem citados no texto:

Haase, Diniz, e Cruz, 1997 ou (Haase, Diniz, & Cruz, 1997)

Nas citações seguintes:

Haase et al. (1997) ou (Haase et al., 1997)

OBS.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.

- No caso de citações com seis ou mais autores, cita-se o sobrenome do primeiro autor seguido da expressão latina "et al.". Exemplo: Hays et al. (2002) ou (Hays et al., 2002)

OBS.: Na lista final de referências cita-se os sobrenomes dos seis primeiros autores e abrevia-se o sétimo autor e os subsequentes (se houver) utilizando-se a expressão latina "et al.". Exemplo:

Hays, G. C., Broderick, A. C., Godley, B. J., Lovell, P., Martin, C., McConnell, B. J. et al. (2002). Biphasal long-distance migration in green turtles. *Animal Behaviour*, 64(6), 895-898.

- Em citações de vários autores e uma mesma idéia, deve-se obedecer à ordem alfabética de seus sobrenomes. Exemplo: Badaines (1976), Biller (1968, 1969) ou (Badaines, 1976; Biller, 1968, 1969)

- No caso de citações de autores com mesmo sobrenome indicar as iniciais dos pre-nomes abreviados. Exemplo: M. M. Oliveira (1983) e V. M. Oliveira (1984) ou (M. M. Oliveira, 1983; V. M. Oliveira, 1984)

- No caso de documentos com diferentes datas de publicação e um mesmo autor, cita-se o sobrenome do autor e os anos de publicação em ordem cronológica. Exemplo: Merleau-Ponty (1942, 1960, 1966) ou (Merleau-Ponty, 1942, 1960, 1966)

- Em citações de documentos com mesma data de publicação e mesmo autor, deve-se acrescentar letras minúsculas após o ano da publicação. Exemplo: Rogers (1973a, 1973b, 1973c) ou (Rogers, 1973a, 1973b, 1973c)

- Documentos cujo autor é uma entidade coletiva, devem ser citados pelo nome da entidade por extenso, seguido do ano de publicação. Exemplo: American Psychological Association (2001) ou (American Psychological Association, 2001)

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

6.1.2 - Citação de informações obtidas através de canais informais (aula, conferência, comunicação pessoal, Endereço eletrônico etc.)

- Acrescentar a informação entre parênteses após a citação. Exemplo: (Informação verbal, 19 de setembro de 2003)

6.1.3 - Citação de obras antigas e reeditadas

- Citar a data da publicação original seguida da data da edição consultada. Exemplo: Freud (1898/1976) ou (Freud, 1898/1976)

6.1.4 - Citação textual

- No caso de transcrição literal de um texto, esta deve ser delimitada por aspas duplas, seguidas do sobrenome do autor, data e página citada. No caso de citação de trecho com 40 ou mais palavras, este devem ser apresentadas em parágrafo próprio sem aspas duplas, iniciando com a linha avançada (equivalente a cinco toques de máquina) e terminando com a margem sem recuo.

Atenção: Na citação de depoimento ou transcrição de entrevista, as falas devem ser apresentadas em itálico, e sua forma de apresentação deve seguir a orientação apontada acima (citação textual).

6.1.5 - Citação indireta

- Na citação indireta, ou seja, aquela cuja idéia é extraída de outra fonte, utilizar a expressão "citado por" (no caso do texto ser em inglês "as cited in" e assim por diante). Exemplo: Para Matos (1990) citado por Bill (1998) ou Para Matos (1990, citado por Bill, 1998)

OBS.: Nas referências mencionar apenas a obra consultada (no caso, Bill, 1998).

6.1.6 - Citação de trabalhos em vias de publicação

- Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão "no prelo". Exemplo: (Sampaio, no prelo) ou Sampaio (no prelo)

OBS.: No caso do texto estar redigido em inglês "in press."

6.1.7 - Citação de Homepage ou Web Site

- Cita-se o endereço eletrônico de preferência entre parênteses após a informação. Exemplo: (www.bvs-psi.org.br)

OBS.: Não é necessário listá-lo na relação de Referências no final do texto.

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

6.1.8 - Pontuação e grafia na citação textual

- A grafia e a pontuação de uma citação textual devem obedecer à utilizada pelo autor do documento consultado.

6.2 - Notas de rodapé

As notas de rodapé devem ser evitadas sempre que possível, no entanto, quando apontadas no corpo do texto devem ser indicadas com números arábicos seqüenciais, imediatamente depois da frase a que digam respeito. As notas devem ser apresentadas no rodapé da mesma página. As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do texto não em notas no rodapé.

6.3 - Referências

Devem ser apresentadas no final do artigo. Sua disposição deve ser em ordem alfabética do último sobrenome do autor e constituir uma lista encabeçada pelo título Referências. No caso de mais de uma obra de um mesmo autor, as referências deverão ser dispostas em ordem cronológica de publicação.

Exemplos de referências:

6.3.1 - Livros

Com autoria

Macedo, L. (1994). Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Com autoria institucional

American Psychological Association. (2001). Publication manual of the American Psychological Association (5th ed). Washington, DC: Author.

Sem autoria específica - Entrada pelo título da obra

The world of learning (41st ed.). (1991). London: Europa.

Com indicação de edição

Bosi, E. (1994). Memória e sociedade: Lembranças de velhos (4a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Com indicação de tradutor

Sternberg, R. J. (2000). Psicologia cognitiva (M. R. B. Osório, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

Com indicação da data e título da edição original

Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da percepção (C. A. R. Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945. Título original: Phénoménologie de la perception)

Com indicação do título traduzido

Merleau-Ponty, M. (1964). Le visible et l'invisible [O visível e o invisível]. Paris: Gallimard.

Com indicação de volumes

Carterette, E. C., & Friedman, M. P. (Eds.). (1974-1978). Handbook of perception (Vols. 1-10). New York: Academic Press.

Capítulo de livro

Chauí, M. (1998). Notas sobre cultura popular. In P. S. Oliveira (Org.), Metodologia das ciências humanas (pp. 165-182). São Paulo: Hucitec; UNESP.

Heilman, K. M. (1995). Attention asymmetries. In R. J. Davidson & K. Hugdahl (Eds.), Brain asymmetry. Chap.4: Attention and learning (pp. 217-234). Cambridge, MA: The MIT Press.

Capítulo de livro com indicação da data da edição original

Freud, S. (1977). Histeria. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 77-102). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888)

Freud, S. (1973). El yo y el ello. In S. Freud, Obras completas (L. Lopez-Ballesteros & De Torres, trads., 3a ed., Vol. 3, pp. 2701-2728). Madrid, España: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1923)

6.3.2 - Periódicos Científicos

Edição completa (Fascículo)

Fowler, R. D. (2000, January). Positive psychology [Special issue]. American Psychologist, 55(1).

Artigos

Tfouni, L. V., & Moraes, J. (2003). A família narrada por crianças e adolescentes de rua: A ficção como suporte do desejo. Psicologia USP, 14(1), 65-84.

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

The new health-care lexion. (1993, August/September). Copy Editor, 4, 1-2.

Artigo publicado em suplemento

Tandon, R. (1999). Cholinergic aspects of schizophrenia. The British Journal of Psychiatry, 174(Suppl. 37), 7-11.

Artigo em vias de publicação (no prelo)

Sampaio, M. I. C., & Peixoto, M. L. (no prelo). Periódicos brasileiros de psicologia indexados nas bases de dados LILACS e PsycINFO. Boletim de Psicologia.

6.3.3 - Revista de Divulgação

Texto publicado

Silva, A. A. (2000, 30 de agosto). Em busca do par ideal. Veja, 33(35), 142.

6.3.4 - Jornal

Artigo

Frayze-Pereira, J. A. (1998, 22 de maio). Arte destrói a comunicação comum e instaura a incomum. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno 5, p. 24.

Entrevista publicada

Silveira, E. (1992, 23 de agosto). O ideal moderno de namorado [Entrevista com César Ades]. Jornal do Brasil, p. 9.

Atenção: No caso de Depoimento = ... [Depoimento ...].

6.3.5 - Eventos Científicos (Congressos, Seminários, Simpósios etc.)

Publicado em resumos ou anais

Thiers, V. O., Seabra, A. G., Macedo, E. C., Arbex, S. M., Feitosa, M. D., & Capovilla, F. C. (1993). PCS-Comp: Picture Communication Symbols System: Versão computadorizada. In Resumos de Comunicações Científicas, III Congresso Interno do Núcleo de Pesquisa em Neurociências e Comportamento da Universidade de São Paulo (p. 15). São Paulo: Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

Todman, J., & Lewins, E. (1996). Use of an AAC system for casual conversation. In Proceedings of the Seventh Biennial Conference of the International Society for Augmentative and Alternative Communication (pp. 167-168). Vancouver, Canada.

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

Publicado como artigo

Macedo, L., Petty, A. L. S., & Botelho, A. P. A. (1991). A construção de correspondências ou o fio de Ariadne. *Ciência e Cultura*, 43(Supl. 7), 820-821. Trabalho apresentado na 43a Reunião Anual da SBPC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Não publicado

Aguirre, A. M. B. (1988). Terapia corporal. Trabalho apresentado no 2o Simpósio de Psicologia das Faculdades de Educação e Cultura do ABC, São Caetano do Sul, SP.

6.3.6 - Dissertação de Mestrado e Teses

Figueiredo, S. M. A. (1991). Estudos piagetianos: Uma análise crítica. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Granja, E. C. (1995). Produção científica: Dissertações e teses do IPUSP (1980/1989). Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Pérez-Ramos, J. (1980). Satisfação no trabalho: Metas e tendências. Tese de livre-docência, Instituto de Letras, História e Psicologia, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP.

Atenção: No caso de teses ou dissertações publicadas seguir o modelo de referência de livro no todo.

6.3.7 - Trabalho não publicado

Sabadini, A. A. Z. P., & Sampaio, M. I. (2001). Avaliação das revistas científicas em psicologia - CAPES-ANPEPP. Texto não publicado.

6.3.8 - Documentos extraídos de fontes eletrônicas

Artigo de periódico

Paiva, G. J. (2000). Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, 11(2). Recuperado em 12 mar. 2001, da SciELO (Scientific Electronic Library OnLine): <http://www.scielo.br>

Resumo de artigo de periódico

Bernardino, L. M. F. (2001). A clínica das psicoses na infância: Impasses e invenções [Resumo]. *Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas*, 6(11), 82-91. Recuperado em 9 jan. 2003, da Base de Dados Index Psi Periódicos: <http://www.bvs-psi.org.br>

ANEXO F – Normas da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (continuação)

Texto

Walker, J. R., & Taylor, T. (2000, March). The elements of citation. New York: Columbia University Press. Texto recuperado em 31 mar. 2001: <http://www.columbia.edu/cu/cup/cgos/basic.htm>

6.4 - Imagens e ilustrações

Na apresentação de imagens como fotografias, desenhos e gráficos (estritamente necessários à clareza do texto) assinalar, no texto, pelo seu número de ordem, os locais onde deverão ser intercalados. Apresentar imagens de boa qualidade, seja de fotografias, gráficos ou desenhos, com tamanho máximo de 100x150mm, lembrando que a imagem poderá sofrer redução, enviar preferencialmente com extensão TIFF. As imagens originais devem ser enviadas separadas do artigo, ainda que estejam no artigo original, Se as imagens enviadas já tiverem sido publicadas, mencionar a fonte e a permissão para reprodução.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FC331d FERNANDES CARVALHO, JONAS
DESEMPENHO E FATORES AMBIENTAIS OBSERVADOS EM UM ESTUDO
TRANVERSAL DE RECRUTAMENTO DE JOVNES PARATLETAS / JONAS
FERNANDES CARVALHO; orientador ANA CRISTINA DE JESUS ALVES.
-- Brasília, 2019.
92 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciências da
Reabilitação) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. . I. DE JESUS ALVES, ANA CRISTINA, orient. II. Título.